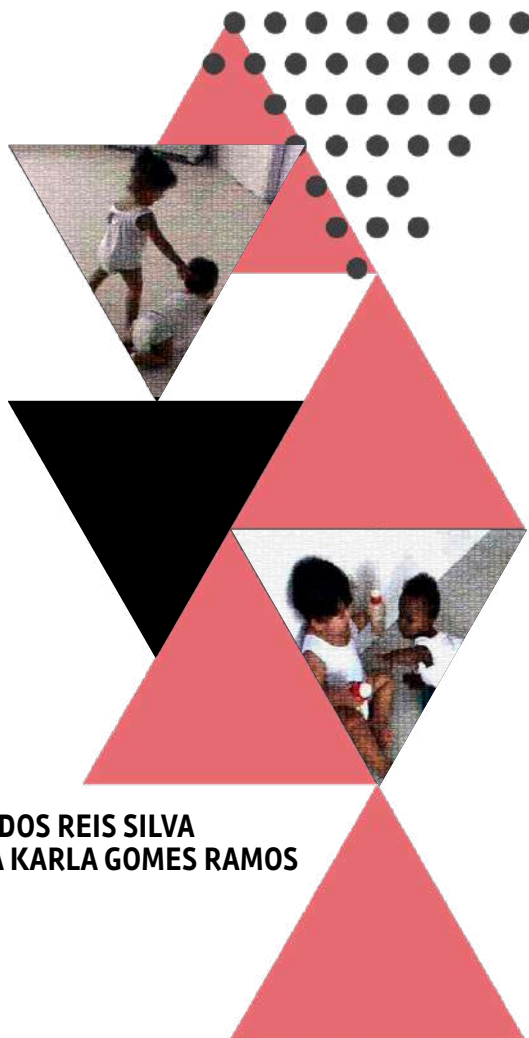


Recursos de Comunicação dos e entre Bebês nas Práticas Cotidianas da Educação Infantil



VIVIANE DOS REIS SILVA
TACYANA KARLA GOMES RAMOS



Criação Editora

TÍTULO

RECURSOS DE COMUNICAÇÃO DOS E ENTRE BEBÊS NAS
PRÁTICAS COTIDIANAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

AUTORES

VIVIANE DOS REIS SILVA
TACYANA KARLA GOMES RAMOS

ISBN

978-85-60102-89-1

EDITORA CRIAÇÃO
CONSELHO EDITORIAL

Ana Maria de Menezes
Christina Bielinski Ramalho
Fábio Alves dos Santos
Jorge Carvalho do Nascimento
José Afonso do Nascimento
José Eduardo Franco
José Rodorval Ramalho
Justino Alves Lima
Luiz Eduardo Oliveira
Martin Hadsell do Nascimento
Rita de Cácia Santos Souza

Viviane dos Reis Silva
Tacyana Karla Gomes Ramos

Recursos de Comunicação dos e entre Bebês nas Práticas Cotidianas da Educação Infantil



Criação Editora
Aracaju | 2022

Copyright 2022 by Viviane dos Reis Silva e Tacyana Karla Gomes Ramos

Grafia atualizada segundo acordo ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico
Adilma Menezes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

S586r Silva, Viviane dos Reis; Ramos, Tacyana Karla Gomes.

Recursos de comunicação dos e entre bebês nas práticas cotidianas da educação infantil / Viviane dos Reis Silva e Tacyana Karla Gomes Ramos. – 1. ed. – Aracaju, SE : Criação Editora, 2022.

132 p.;

E-Book: PDF

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-60102-89-1

1. Bebês. 2. Educação. 3. Educação Infantil. 4. Interação Social. 5. Recursos Comunicativos. I. Título. II. Assunto. III. Autores.

CDD 371.3

CDU 37.013

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Educação infantil: Didática - Métodos de ensino instrução e estudo– Pedagogia.
2. Educação infantil: Prática pedagógica.

SILVA, Viviane dos Reis; RAMOS, Tacyana Karla Gomes. **Recursos de comunicação dos e entre bebês nas práticas cotidianas da educação infantil.** 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2022. E-Book (PDF). ISBN 978-85-60102-89-1

*Dedicamos este trabalho aos bebês do Berçário
I pela parceria durante a pesquisa.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
SEÇÃO I	15
EU ME COMUNICO MUITO: O BEBÊ E SEU POTENCIAL SOCIOCOMUNICATIVO	
1.1 Desenvolvimento da intersubjetividade em bebês: apontamentos teóricos	25
1.2 A creche como ambiente relevante para o desenvolvimento de interações que vão além do contexto familiar	26
SEÇÃO II	31
O CAMINHO METODOLÓGICO PERCORRIDO	
2.1 Situando o contexto da investigação	33
2.1.1 Participantes do Berçário I: Educadoras e crianças	34
2.1.2 Os sujeitos focais da investigação	35
2.1.3 Realizando pesquisa com bebês: a incrível tarefa de entender suas falas	35
2.2 Procedimentos de coleta e análise dos dados	39
2.2.1 Em busca de episódios interativos: analisando vídeos e construindo dados	40
SEÇÃO III	43
RESULTADOS E DISCUSSÕES	
3.1 Os episódios interativos	45
3.2 Os recursos comunicativos utilizados por Bárbara e Evelyn: analisando os episódios	46
3.3.1 O olhar em destaque	49

3.3.2 Negociando objetos com o corpo	60
3.3.3 Movimentos que expressam intenções	90
3.3.4 Um choro que comunica a emoção	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICES	
APÊNDICE A – FREQUÊNCIA DAS CRIANÇAS NA PESQUISA	110
APÊNDICE B – DESCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS	111
APÊNDICE C – QUADROS DE RECURSOS COMUNICATIVOS POR EPISÓDIOS	112
ANEXOS	127

LISTA DAS FIGURAS

Figura 1. Aproximação de Antônia e Clara	38
Figura 2. Investidas sociais	39
Figuras 3; 4; 5. O olhar revelador de Evelyn	50
Figura 6; 7; 8. Estratégias para explorar o livro	51
Figura 9; 10; 11. Estou de olho nesta panela.	53
Figura 12; 13; 14. As painelas chamaram minha atenção.	54
Figura 15; 16; 17. Conseguir brincar com a panela	54
Figura 18; 19; 20. Indo ao encontro dos bebês	57
Figura 21; 22; 23. Vamos conversar?	58
Figura 24; 25; 26. Ainda quero conversar.	58
Figura 27; 28; 29. Estamos interagindo	58
Figura 30; 31; 32. O percurso da bola	61
Figura 33; 34; 35. O aparecimento do chocalho.	62
Figura 36; 37; 38. Quer o chocalho?	62
Figura 39; 40; 41. A entrega do chocalho	63
Figura 42; 43; 44. Por que estamos neste berço?	65
Figura 45; 46; 47. Vou tornar o espaço do berço atrativo.	66
Figura 48; 49; 50. Deixe-me explorar todas as bolsas.	66
Figura 51; 52; 53. Não tenho interesse neste brinquedo.	69
Figura 54; 55; 56. Posso pegar sua panela?	70
Figura 57; 58; 59. Eu quero muito essa panela.	70
Figura 60; 61; 62. Você não pode pegar minha panela	71
Figura 63; 64; 65. Willy, você venceu, eu desisto	71
Figura 66; 67; 68. Uma bola surgiu	75
Figura 69; 70; 71. Solta a bola agora!	75
Figura 72; 73; 74. Espere, não desista!	76
Figura 75; 76; 77. Voltei a querer a bola.	76
Figura 78; 79; 80. Bárbara conseguiu a bola.	76
Figura 81; 82; 83. Seguindo a bola.	77
Figura 84; 85; 86. Mateus entrou na cena.	77
Figura 87; 88; 89. A empolgante busca	78
Figura 90; 91; 92. Eu quero esse brinquedo	81
Figura 93; 94; 95. Eu te imito	82
Figura 96; 97; 98. Eu quero esses chocalhos.	85
Figura 99; 100; 101. Negócio o objeto com o corpo	85
Figura 102; 103; 104. A negociação continua	86
Figura 105; 106; 107. Vou pegar estes chocalhos	86
Figura 108; 109; 110. Pega lá o chocalho	87
Figura 111; 112; 113. Não vou te dar o chocalho	87
Figura 114; 115; 116. Eu pego a melancia.	91
Figura 117; 118; 119. Deixe-me ir busca a melancia	91
Figura 120; 121; 122. Vamos dançar!	93
Figura 123; 124; 125. Deixe-me quieta.	94
Figura 126; 127; 128. Vou te tirar daqui	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. Educadoras.....	34
Tabela 02. Bebês: início da pesquisa – 01/2014	34
Tabela 03. Episódios interativos	45
Tabela 04. Recursos comunicativos utilizados por Bárbara	47
Tabela 05. Recursos comunicativos utilizados por Evelyn	48
Tabela 06. Episódio: Também quero explorar o livro	50
Tabela 07. Episódio: Panela I	53
Tabela 08. Episódio: Hora da oração	57
Tabela 09. Episódio: O chocalho	61
Tabela 10. Episódio: Explorando as bolsas	65
Tabela 11. Episódio: Panela II	68
Tabela 12. Episódio: A bola	74
Tabela 13. Episódio: Eu quero esse brinquedo.....	81
Tabela 14. Episódio: Os três chocalhos	84
Tabela 15. Episódio: Quero melancia	90
Tabela 16. Episódio: Pula-pula	93

INTRODUÇÃO

O corpo de uma criança é um espaço infinito onde cabem todos os universos. Quanto mais ricos forem estes universos, maiores serão os voos da borboleta, maior será o fascínio, maior será o número de melodias que saberá tocar, maior será a possibilidade de amar, maior será a felicidade. (Rubem Alves)

A temática central desta pesquisa refere-se à análise de estratégias comunicativas de dois bebês, matriculados em um berçário de uma escola municipal de educação infantil (EMEI), situada no município de Aracaju/SE. No período da coleta de dados os bebês possuíam entre 09 a 11 meses, os quais eram os mais novos da sala. Nesse sentido, objetivase, especificamente, analisar os modos como os bebês iniciam e partilham situações sociocomunicativas com os pares de idade, descrever os processos sociocomunicativos de bebês, elaborar indicadores de estratégias de comunicação dos e entre os bebês.

Vale ressaltar que o movimento de pesquisa com as crianças do berçário, de tentar compreender os seus modos de participação social e suas ações sociocomunicativas teve início em 2011, com o desenvolvimento do projeto de pesquisa “Modos de participação social de crianças de um ano nas práticas educativas de sua professora na creche”, sob a orientação da professora Dra. Tacyana Karla Gomes Ramos. A pesquisa em questão insere-se num projeto de pesquisa mais amplo, intitulado *Participação social de crianças de 0 a 3 anos nas práticas educativas de professoras e suas interfaces com a organização pedagógica* e buscou examinar as estratégias sociais que a criança utiliza para participar das atividades educativas propostas pelas suas professoras com o intuito de formular indicadores que orientassem a organização de práticas educativas ajustadas aos interesses e habilidades sociocomu-

nicativas das crianças. Ressaltamos que o presente estudo foi submetido à avaliação e aprovado para execução pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (ANEXO A). Em 2013, demos continuidade ao referido projeto de pesquisa, ampliando a investigação, com o estudo responsável pela construção dos dados deste material monográfico, através do subprojeto de pesquisa intitulado “Recursos de comunicação dos e entre bebês de 4 a 8 meses nas práticas cotidianas da educação infantil”. O respectivo projeto foi inserido no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), sendo financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) com duração de um ano (2013/2014).

Dentre as atividades desenvolvidas, buscamos na revisão de literatura o aprofundamento no campo das interações sociais entre bebês. Apoiámo-nos nas pesquisas realizadas por profissionais ligados a área da Educação, Fonoaudiologia e Psicologia. Contamos também com a leitura e análise de textos sobre a organização dos espaços educacionais destinados as crianças, bem como do perfil pedagógico ajustado aos interesses e motivações dos bebês. Por fim, nos preparamos metodologicamente na perspectiva investigativa da Sociologia da Infância.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório e descritivo configurada num estudo de caso. O campo de pesquisa escolhido para o desenvolvimento deste trabalho foi o agrupamento etário denominado Berçário I de uma escola municipal de educação infantil localizada em Aracaju/SE.

A pesquisa bibliográfica feita durante o desenvolvimento desta investigação indica que diversos estudos a respeito do desenvolvimento humano, tendo como destaque a linguagem, apontam que os bebês são potencialmente sociocomunicativos (BORGES; SALOMÃO, 2003; CARVALHO; PEDROSA; ROSSETTI-FERREIRA, 2012; ELMÔR, 2009; GUIMARÃES, 2009b; RAMOS, 2010; TOMASELLO, 2003).

Desde o nascimento, os bebês possuem algumas características peculiares que contribuem positivamente para o cuidado na relação

com os adultos ao seu redor. A própria aparência dos bebês já é convidativa ao cuidado, os adultos em sua maioria não resistem à tamanha graciosidade expressa pelos pequenos. Outro fator relevante no cuidado de bebês refere-se ao seu choro. O choro pode ser um transmissor de informações importantes, ele corresponde a um recurso comunicativo bastante utilizado no primeiro ano de vida exposto por meio da emoção. Ao chorar, o bebê interage com o seu meio, aproximando o adulto de si (SEIDL-DE-MOURA; RIBAS, 2012).

Os primeiros contatos com a linguagem faz parte da vida da criança desde o útero. O bebê consegue ouvir os sons pertencentes ao meio social no qual a sua mãe se encontra. As conversas entre a mãe e seus amigos, a voz do pai, avós, tios, primos, irmãos, as músicas ouvidas durante a gestação, as histórias contadas, todas essas ações linguísticas evidenciam que o bebê está imerso em um universo linguístico antes mesmo de nascer. O bebê comunica-se desde o nascimento, não possui uma fala articulada, com uso de palavras, mas sim uma fala corporal, na qual os seus movimentos revelam seus interesses (CARVALHO; PEDROSA; ROSSETTI-FERREIRA, 2012; ELMÔR, 2009; GUIMARÃES, 2009; RAMOS, 2010; SEIDL-DE-MOURA; RIBAS, 2012).

Diante de tais considerações a respeito dos recursos comunicativos utilizados por bebês desde a mais tenra idade, evidenciamos a importância do adulto frente ao desenvolvimento e ampliação destes recursos, pois a criança irá se desenvolver face às relações estabelecidas cotidianamente. As experiências sociais nas quais participa ativamente serão frutos da cultura a qual participa, o mundo a ela apresentado e vivenciado refletirá o meio ao qual está inserido (TOMASELLO, 2003; WALLON, 2007).

O texto está estruturado em três seções. No primeiro momento, discutimos sobre o potencial sociocomunicativo do bebê desde os primeiros dias de vida. Destacamos a predominância dos recursos comunicativos não-verbais como forma de explicitar as “vozes” dos bebês.

Na segunda seção, apresentamos o percurso metodológico da pesquisa, explicitando as bases teóricas que sustentaram a metodologia

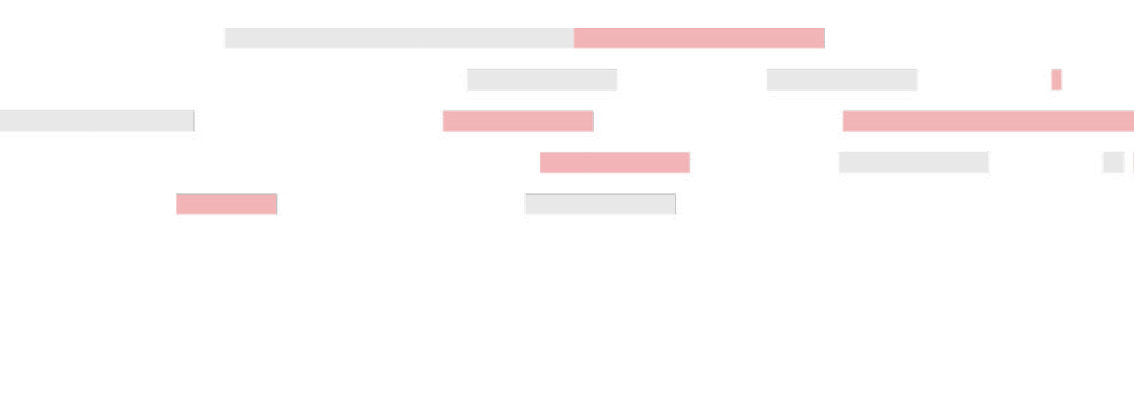
escolhida no referente estudo. Damos visibilidade ao contexto da investigação, apresentando o espaço e os sujeitos da pesquisa. Esclarecemos também quais foram os procedimentos utilizados na produção dos dados e como realizamos a análise dos mesmos.

Na terceira seção, apresentamos os resultados e as discussões da pesquisa, demonstrando por meio de episódios interativos, selecionados e descritos, quais foram os recursos sociocomunicativos utilizados pelos sujeitos focais da pesquisa.

As nossas considerações finais reforçam a compreensão da criança como sujeito ativo, que desde o nascimento tece relações sociais com o seu meio sociocultural, pois se utiliza de inúmeros recursos comunicativos para explicitar suas necessidades e interesses.

SEÇÃO I
EU ME COMUNICO MUITO:
O BEBÊ E SEU POTENCIAL
SOCIOCOMUNICATIVO





Durante muito tempo as crianças, especialmente os bebês, não eram consideradas seres capazes, mas sim como alguém que futuramente poderia tornar-se socialmente competente. Logo, as crianças eram vistas sob uma lógica voltada para o futuro. Nessa perspectiva, os bebês eram encarados como seres incompletos que faziam bem a tarefa de apenas comer e dormir (CARVALHO; PEDROSA; ROSSETTI-FERREIRA, 2012; SEIDL- DE-MOURA; RIBAS, 2004).

No final do século XX, a Sociologia da Infância, área destinada aos estudos sociais com crianças, passa a divulgar o conceito de criança como ator social competente. Com esta mudança de perspectiva, a criança começa a fazer parte das pesquisas não como objeto de investigação, mas sim como participante ativo neste processo (OLIVEIRA; TEBET, 2010). Tal posicionamento é reforçado por Soares; Sarmento e Tomàs (2004) quando explicam:

Considerar a participação das crianças na investigação é um passo decorrente da construção de uma disciplina das ciências sociais que procura desconstruir a persistente afonia e invisibilidade das crianças nas investigações que ao longo do último século se foram multiplicando sob a égide de tentar compreender a criança, sem nunca considerar essa mesma criança enquanto elemento válido do processo, com voz e opinião acerca do mesmo. (p. 6).

Dialogando com a defesa de enxergar as crianças por meio de suas “vozes”, amparados nos construtos teórico-metodológicos da Sociologia

da Infância, diversos autores brasileiros, a exemplo de BORBA (2008), CORSINO (2009), GUIMARÃES (2009b), OLIVEIRA (1992), OLIVEIRA e TEBET (2010), PEDROSA (2012), RAMOS (2010), entre outros, discutem a qualidade da educação destinada às crianças. Estas autoras defendem que o trabalho pedagógico deve dar início tomando como base o reconhecimento da criança como ator social competente.

O movimento de prestígio social da criança atinge também a área da Psicologia do desenvolvimento. A percepção de criança “afônica” é negada até para àqueles que não possuem uma fala consolidada na articulação de palavras. Um exemplo claro disto é o campo teórico destinado aos estudos das capacidades sociocomunicativas dos bebês. Deste modo, graças a um conjunto de pesquisadores engajados em evidenciar as potencialidades dos bebês, este cenário conceitual sofreu mudanças significativas (OLIVEIRA; BUSSAB, 1996; RIZZATTO, 1998).

Tais estudiosos comprovaram, por meio de observações, que os bebês desde a vida uterina é são capazes de perceber o mundo social (ELMÔR, 2009; SEIDL-DE-MOURA; RIBAS, 2012). Os bebês engajam-se em repostas as falas dirigidas a eles desde o útero (FIAMENGHI, 1999). O sistema auditivo humano começa a funcionar a partir da 22^a a 24^a semanas de gestação. Nos últimos três meses de gestação sua evolução é notável e o bebê passa a responder com maior evidência aos estímulos sonoros. As famosas “mexidas” do feto representam sua escuta voltada para o mundo que o espera, demarcam sua predisposição à interação (TRISTAO; FEITOSA, 2003).

Portanto, o reconhecimento do mundo social, da criança, começa quando ela ainda está no útero. O conjunto de sons que o bebê ouve durante a gestação configura os ambientes e pessoas à sua espera. Desta forma, as primeiras ações orquestradas para o desenvolvimento do processo sociocomunicativo humano são delineadas antes mesmo do nascimento. As conversas entre a progenitora e demais pessoas com quem dialogou na gravidez, as canções escutadas, os livros lidos, os diálogos dirigidos ao bebê, todas essas situações evidenciam a introdução da linguagem como

forma de comunicação humana na vida da criança antes mesmo dela nascer (CARVALHO; PEDROSA; ROSSETTI-FERREIRA, 2012).

Após o nascimento, o conhecimento do mundo social se amplia. Além de ouvir, o bebê pode ver os ambientes e pessoas que fizeram parte da sua vida mesmo antes de nascer. Pouco tempo depois de nascido, o bebê é capaz de reconhecer e dar preferência à voz humana, em contraposição aos demais sons escutados. Em meio às vozes que escuta, o bebê demonstra maior interesse pelas femininas. Logo nos primeiros dias de vida ele é capaz de diferenciar e optar por ouvir a voz materna em vez das demais. As conversas entre a mãe e o bebê durante a gestação criam as bases para o desenvolvimento do vínculo afetivo materno (FIAMENGI, 1999; SEIDL-DE-MOURA; RIBAS, 2004).

Desde o nascimento, os bebês demonstram seu potencial interacional. Eles se comunicam principalmente por meio da linguagem corporal, responsável por expressar vontades, sentimentos, inquietações, entre outras coisas. Segundo Vygotsky (2008), a linguagem não acontece somente em razão de sons. Ela pode ser expressa por meio da movimentação corporal. Um exemplo citado pelo autor refere-se à forma de comunicação utilizada por chimpanzés, pelos povos primitivos, pelos surdos e por bebês. O respectivo autor reconhecia que o balbúcio, o choro e as primeiras palavras das crianças são etapas do desenvolvimento da fala. Portanto, mesmo não possuindo uma fala articulada em palavras, os bebês conseguem revelar interesses, pois seus movimentos representam suas falas (BORGES; SALOMÃO, 2003; CARVALHO; PEDROSA; ROSSETTI-FERREIRA, 2012; ELMÔR, 2009; GUIMARÃES, 2009b; RAMOS, 2010; TOMASELLO, 2003). Nesse sentido,

Desde o nascimento, o bebê comunica à mãe algo acerca de sua experiência, nível e direção da atenção e disposição para trocas. Quando estamos com bebês percebemos essas pistas e até falamos sobre elas: *“Você não está a fim de brincadeira, não é”; “Só quer dormir agora... Está cansado, precisa dormir”; “Está com fome?”; “Mãe já vem”* (SEILD-DE-MOURA; RIBAS, 2012, p. 38).

O arcabouço das capacidades sociocomunicativas dos bebês recém-nascidos é amplo. Uma característica bastante peculiar no processo sociocomunicativo refere-se à estrutura corpórea dos bebês nos primeiros meses de vida. Segundo Lorenz (1971) apud Seidl-de-Moura e Ribas (2012) os bebês possuem várias características que fazem com que os adultos os achem graciosos. Tais características correspondem ao tamanho de suas cabeças, comparada ao restante do corpo, a grandeza dos seus olhos, bochechas enormes e sua coordenação motora desajeitada. Esse conjunto de traços atribui graciosidade aos bebês, provocando a atenção dos interlocutores disponíveis, promovendo a orientação social e cuidados dirigidos ao bebê (LEITÃO; CASTELO-BRANCO, 2010). A forma como os bebês cativam a atenção dos adultos é sinalizada por Galvão (2012)

[...] Sozinho, o bebê não é capaz nem mesmo de virar-se de uma posição incômoda, seus movimentos não se ajustam às circunstâncias exteriores e não têm eficiência objetiva. Sua primeira atividade eficaz é desencadear no outro reações de ajuda para satisfazer suas necessidades. Não há adulto que permaneça indiferente aos gritos ou às gesticulações de um recém-nascido. (p. 60-61)

Nessa perspectiva, ao nascer, o bebê humano, apesar de possuir capacidades interativas é dotado de fragilidades. Para sobreviver, ele precisa da ajuda e cuidados de um adulto. Os atributos infantis, sua graciosidade inata, expressa por meio do seu corpo e movimentos desajeitados, predispõe a assistência de possíveis cuidadores. É difícil resistir aos encantos de um bebê, principalmente nos primeiros meses da sua vida. Os traços da criança são os principais responsáveis pela disposição do adulto na oferta de cuidados essenciais para sobrevivência deles (LEITÃO; CASTELO-BRANCO, 2010; SEIDL-DE-MOURA; RIBAS, 2004).

Outro traço comunicacional responsável pela atenção e cuidado dos adultos diz respeito a um dos recursos comunicativos mais utili-

zados pelos bebês para expressarem seus estados emocionais: o choro. Segundo Nascimento (2004), a emoção é a primeira forma de comunicação entre a criança e o seu universo social. Nesse sentido, Galvão (2012) esclarece que a emoção fortalece-se em razão das trocas estabelecidas com o outro. Nessa perspectiva, a forma como o ambiente regula e media essas emoções favorecerá sua manifestação.

O ato de chorar produzido pelos bebês pode provocar no adulto imediatamente a tentativa de conter tal choro. Às vezes o choro pode expressar fome. Nesta situação o cuidador de imediato oferece alimentação, pode explicitar irritação, o adulto pode embalar a criança, balançá-la, buscando acalmá-la, pode ainda, na busca por extingui-lo, oferecer ao bebê inúmeros objetos. Cada uma das tentativas de sanar o choro do bebê terá uma resposta específica, por exemplo, se o choro comunica fome, oferecer objetos para ele não irá resolver a situação, ele continuará a chorar; portanto, o bebê responderá às investidas sociais dos adultos de acordo com suas necessidades (SEIDL-DE-MOURA; RIBAS, 2012).

Às vezes o choro do bebê pode ser ignorado pelo adulto. Nessa condição, o choro não é valorizado em seu potencial comunicativo. Em pesquisa realizada por Schaper, Macário e Petrato (2013), com foco nas representações do choro de bebês, com idades entre 8 e 24 meses, expostas por educadoras de uma creche municipal de Juiz de Fora/MG, fica explícito que no interior das práticas educativas orquestradas nas creches nem sempre o choro é encarado como um recurso comunicativo. Infelizmente, não é difícil deparar-se com realidades pedagógicas alheias à comunicação não verbal da criança. o choro, por exemplo, como expresso na referida pesquisa, é fortemente identificado pelo adulto como “pirraça” e “manha”, mas não como expressão das necessidades dos bebês.

Em meio aos recursos comunicativos não verbais utilizados pelo bebê, ganha destaque também o direcionamento do olhar. Acredita-se que o olhar é um relevante aparato da comunicação não-verbal desde

os primeiros dias de vida. Além de possibilitar a leitura visual do mundo, os olhos agem comunicativamente. Nesse sentido, os olhos são responsáveis pela transmissão de informações importantes. O olhar vai além da visão: ele inicia interações, sustenta-as, transmite segurança, medo, entre outras expressões que dispensam o uso da fala para interpretá-las (AMORIM; ANJOS; ROSSETTI-FERREIRA, 2012; BELINI; FERNADES, 2007).

As trocas de olhares entre a díade mãe-bebê têm presença marcante nos primeiros meses de vida. Pouco depois de nascido, o bebê identifica o rosto de sua mãe. A face materna é reconhecida e elegida como ponto de apoio desde muito cedo (SEIDL-DE-MOURA; RIBAS, 2004). Seguindo esta premissa, as interações entre mãe-bebê acontecem por meio de palavras, toques e, principalmente pelo contato ocular (BELINI; FERNANDES, 2010).

Corroborando com a percepção da relevância comunicativa expressa pelo olhar do bebê, Amorim, Anjos e Rossetti-Ferreira (2012) justificam que se faz necessário:

[...] um novo olhar ao olhar do bebê, no sentido de valorizá-lo enquanto recurso de apreensão do mundo e mesmo como comunicação, não o desvalorizando enquanto atitude passiva. A noção de atividade deve ir além de esperar muita ação e movimento visíveis na criança (p. 381).

Consoante a esta defesa, Elmôr (2009) esclarece que os olhos revelam muito das intenções e interesses dos seres humanos. O olhar pode transmitir uma mensagem de aprovação ou reprovação, de angústia ou satisfação, de tristeza ou alegria. Nessa linha de raciocínio, desde criança, aprendemos que a forma de olhar das pessoas, a maneira que os olhares são postos, explicitam informações relevantes, pois por meio do olhar é possível comunicar e interagir socialmente.

Conforme exposto, entre as diferentes maneiras de comunicação evidenciadas nos meses que antecedem o primeiro ano de vida das

crianças, destacam-se, predominantemente, intenções comunicativas sem a presença verbal. Nesse sentido, por conta das aquisições linguísticas não consolidadas, notadamente à fala articulada, os bebês utilizam-se de recursos comunicativos não verbais, manifestados pelos seus movimentos corporais, conforme já explicitamos.

Diante da gama de recursos comunicativos não verbais utilizados pelos bebês em suas interações, cabe ao adulto portar-se de maneira sensível para que ele possa reconhecer, valorizar e impulsionar os apontamentos sociocomunicativos evidenciados pelas crianças tendo como mecanismo de expressão os seus movimentos, predominantemente. Nesse sentido, Ramos (2012) fortalece o nosso argumento quando explica que:

O movimento é um recurso que a criança utiliza para expressar suas necessidades, interesses, motivações, emoções e intenções. Ele é mais do que um meio para atuar no ambiente físico; ele constitui um campo de experimentações para a criança descobrir o seu corpo e a si, um veículo que lhe permite atuar no ambiente social, mobilizando as pessoas pelo viés comunicativo-expressivo de seus gestos (p. 102).

Em um estudo longitudinal realizado por Amato e Fernandes (2011), sobre os recursos comunicativos utilizados por seis bebês ao longo dos três primeiros anos de vida, em interação com suas mães, em atividades cotidianas: alimentação, higiene, brincadeiras, explicita-se que desde o nascimento o bebê expõe seu potencial sociocomunicativo. Nos primeiros meses de vida, sua comunicação dar-se em grande maioria por meio de recursos comunicativos corporais e vocais. Constatou-se nesta pesquisa que a partir dos 21 meses de idade, os gestos e vocalizações são utilizados em menor escala nas interações sociais, pois ganha evidência a verbalização. Porém, a aquisição da linguagem verbal não extermina o uso das expressões corporais como forma de comunicação. Do nascimento até tornar-se adulto, as expressões corporais são atributos importantes na comunicação humana.

Assim como Amato e Fernandes (2011), Aquino e Salomão (2011b) debruçaram-se sobre o estudo da comunicação entre a díade mãe-bebê. As referidas autoras utilizaram entrevistas como instrumento metodológico para conhecer as percepções maternas acerca das habilidades sociocomunicativas dos bebês. Nas falas das mães entrevistadas, o olhar é apontado como habilidade sociocomunicativa utilizada para manifestar interesse e desinteresse em algo. Na referida pesquisa, as mães relataram que os bebês demonstravam-se desinteressados durante as propostas de interações, pois eles desviavam o olhar facilmente. Vale ressaltar que o comportamento denominado de “olhar para longe”, interpretado como falta de interesse na interação merece atenção. Na maioria das vezes, as interações iniciadas pelos bebês ocorrem em um curto período de tempo, porém, não significa dizer que os bebês não tenham interesse em trocas sociais.

Como nos alerta Fiamenghi (1999), estamos começando a compreender que os bebês estão aptos para a vida social e, portanto, desejam participar dela desde a mais tenra idade. Evidencia-se, desta forma, que a mente humana encontra-se preparada e motivada para estabelecer vínculos interativos desde o nascimento. Em conformidade com o posicionamento apresentado, Machado (2010) explicita o potencial social dos bebês desde o nascimento ao defender a ideia de que “[...] a criança é um ser social, o que significa dizer que seu desenvolvimento se dá entre outros seres humanos, em um espaço e tempo determinados” (p. 27).

Essas premissas apontam que o desenvolvimento do ser humano constitui-se em um processo dinâmico e contínuo. Da gestação até a morte, o homem está imerso em espaços e tempos que o caracteriza. Os ambientes culturais frequentados durante sua vida, as interações sociais estabelecidas, as pessoas que fazem parte da sua história, tudo contribui para o processo infindável do desenvolvimento humano, para a constituição do sujeito (AMORIM; VITORIA; ROSSETTI-FERREIRA, 2000; LYRA, 2000; TOMASELLO, 2003; WALLON, 2007).

1.1 DESENVOLVIMENTO DA INTERSUBJETIVIDADE EM BEBÊS: APONTAMENTOS TEÓRICOS

Desde o nascimento, as conversas e interações com os bebês crescem de forma complexa. Pesquisadores do desenvolvimento humano apontam para o aparecimento da intersubjetividade nas relações sociais dos recém-nascidos. A intersubjetividade é interpretada como a capacidade de identificar e dialogar com os estados psicológicos do outro. Tal defesa reconhece os movimentos e expressões dos bebês como mecanismos para mobilizar os cuidadores, portanto, nessa perspectiva, os bebês possuem desde muito cedo comportamentos que vão além dos reflexos inatos à espécie, eles têm uma mente bem estruturada, são voltados para trocas sociais e usam das suas particularidades sociocomunicativas para influenciar os comportamentos dos outros (FIAMENGHI, 1999).

Em contraposição ao aparecimento da intersubjetividade em recém-nascidos, Tomasello (2003) acredita que ela só se desenvolve a partir dos nove meses de idade, quando as crianças reconhecem o outro como um ser intencional. Segundo o referido autor, chegado este momento, o bebê passa por uma intensa revolução a respeito do entendimento do contexto social ao qual está inserido. Nesse período de vida, os bebês começam a perceber e demonstrar intencionalidades nas relações sociais. Portanto, a intersubjetividade faz-se presente a partir de então, sendo manifestada de modo gradual, conforme vai fazendo uso dos atributos culturais para melhor compreendê-la, especialmente da linguagem.

A expressão maior da intersubjetividade humana é apontada por Tomasello (ibid), como a capacidade de estabelecer comportamentos de atenção conjunta. Diferentemente das fases anteriores, a exemplo dos seis meses de idade, na qual a criança centrava a atenção para apenas um elemento do seu contexto social, relações diádicas: bebê-objeto ou bebê-pessoa, com a emergência da atenção conjunta, o bebê engaja-se em trocas sociais triádicas, ou seja, reguladas pela atenção conjunta de pessoas e objetos, pertencentes à mesma situação interativa.

A partir dos nove meses, no delineamento da atenção conjunta, os bebês começariam de maneira concreta a acompanhar com o próprio olhar para onde os adultos demonstram manter o contato ocular. Desse modo, os bebês direcionam seus olhares para os interesses dos adultos, demonstrando atenção às suas ações. Outra situação destaque aos nove meses refere-se ao prolongamento das interações sociais. Os bebês iniciam e partilham trocas sociais por um tempo maior que nos meses anteriores; essas interações acontecem em grande parte pela mediação de um objeto e, portanto, pelo que Tomasello chamou de envolvimento conjunto. Outra característica relevante nesta idade é a concepção dos adultos como referência social.

Diante deste reconhecimento, as crianças passam a agir de acordo com as ações dos adultos. Na opinião do autor, exemplo da manifestação do poder de referência do adulto sobre a criança revela-se nas imitações orquestradas pelos bebês a respeito das ações sociais dos adultos.

Os bebês são capazes de observar o outro, sorrir, vocalizar, trocar brinquedos, imitá-lo, na busca de contato social e compartilhamentos sociocomunicativos. O ato de imitar atribui significado às trocas sociais estabelecidas cotidianamente. A imitação revela a capacidade de criação e recriação do vivido, ela manifesta as ações que chamaram à atenção dos bebês, expressa intencionalidades (GUIMARÃES, 2009b).

1.2 A CRECHE COMO AMBIENTE RELEVANTE PARA O DESENVOLVIMENTO DE INTERAÇÕES QUE VÃO ALÉM DO CONTEXTO FAMILIAR

O ambiente cultural ao qual a criança faz parte, a vivência de determinadas experiências e não de outras, contextualizarão seu desenvolvimento físico, psicológico, intelectual e social. De acordo com a LDB (1996), a educação infantil tem como objetivo o desenvolvimento da criança junto à família e comunidade, levando em consideração os aspectos citados. Para atingir o desenvolvimento integral da criança é preciso atentar para uma vertente indispensável: as relações sociais.

Além das interações entre adultos, os bebês podem ter a possibilidade de interagir com iguais. Essas interações são carregadas de aspectos culturais e sociais. A partir do contato com o outro, a criança vivencia e recria a cultura a qual faz parte (MARTINS FILHO, 2008). Um dado relevante a respeito de como dão início as interações entre bebês, refere-se à incompletude motora dos pequenos. Vasconcelos, Amorim e Anjos (2003) atentam que muitas vezes os movimentos desajeitados favorecem a entrada de parceiros, desencadeiam trocas sociais novas. Nessa perspectiva, a coordenação motora instável não representa um obstáculo para ampliação do mundo social do bebê, mas ajusta-se a sua fase de desenvolvimento, podendo proporcionar a essas crianças encontros com experiências novas, acasos significativos.

Exemplo claro de um ambiente rico no desenvolvimento de interações entre criança- criança é a creche. Acredita-se que a creche é um espaço socialmente relevante para a ampliação das capacidades das crianças. Ter acesso à educação infantil desde muito cedo amplia o leque de relações sociais, a criança compartilha a partir de então experiências que vão além das familiares. Ela participa de forma ativa no espaço social da creche, a depender da organização espacial, poderá vivenciar muitas interações (ANJOS; AMORIM; FRANCHI E VASCONCELOS; ROSSETTI-FERREIRA, 2004; GUIMARÃES, 2009^a; MACHADO, 2010).

Como explicitado, a creche vem ganhando relevância quanto ao seu papel social e pedagógico. Atualmente, ela é vista por muitas mães como um espaço privilegiado para educação de seus filhos e não como um local destinado a guarda de crianças enquanto os adultos trabalham. Muitas famílias já conseguiram vencer as concepções assistencialistas destinadas às creches. Esta mudança de percepção deve-se a organização de práticas pedagógicas ajustadas às necessidades das crianças que frequentam as instituições de educação infantil. Hoje, a creche é reconhecida como um ambiente propício para ampliação do mundo social das crianças, portanto, como um espaço rico para o desenvolvimento humano (AMORIM; VITORIA; ROSSETTI-FERREIRA, 2000).

Nas interações sociais proporcionadas nos espaços da creche, os bebês protagonizam ações capazes de mobilizar os outros – coetâneos, educadores, demais funcionários da creche - por meio da sua maneira peculiar de comunicar-se: gestos, sorrisos, olhares, movimentos, balbucios. Estes recursos comunicativos são um convite à interação. No delineamento do processo interativo ao qual deu início, o bebê provoca ações e reações no outro e também se reconstrói (AMORIM; ANJOS; ROSSETTI-FERREIRA, 2012).

Nessa trilha de proposições, chamamos a atenção do papel da creche como instituição responsável pela ampliação das relações sociais das crianças e concomitantemente pelo desenvolvimento de suas aprendizagens e competências sociocomunicativas. Conforme explicam Carvalho, Pedrosa e Rossetti-Ferreira (2012) “é nas interações e relações com o outro que a criança se constitui como pessoa e constrói seu conhecimento sobre o mundo físico e social” (p. 178).

Para Vygotsky (2008), a linguagem precede e determina o desenvolvimento do pensamento. Tal estudioso afirma que os estágios do desenvolvimento da fala não possuem relação alguma com a evolução do pensamento até por volta dos dois anos de idade, quando acontece a união entre fala e pensamento e ambos passam a andar de mãos dadas. Nesse momento, o pensamento passa a ser expresso e desenvolvido a partir da verbalização e da experiência sociocultural da criança. A curiosidade das crianças delinea um caminho de descobertas, onde tudo é motivo para questionamentos e conversas sobre o que ver e sente. Suas perguntas ganham vida devido ao desenvolvimento da linguagem verbal, visto que, seu vocabulário aumenta consideravelmente.

Coadunando com a compreensão de que a linguagem é desenvolvida em meio às trocas sociais, Tomasello (2003) alerta para a organização de atividades voltadas para criança que favoreçam este desenvolvimento. O autor reforça o potencial de aprendizagem dos símbolos linguísticos devido às repetições rotineiras de determinadas situações sociais. A creche, por exemplo, é estruturada levando em consideração esta com-

preensão, pois possui uma rotina de atividades que favorecem o desenvolvimento da criança. Nesse sentido, Tomasello acrescenta que dado o início da conquista linguística, as crianças desenvolvem o aprendizado de novas palavras graças às experiências sociais diárias com os outros em situações tais como: banho, alimentação, troca de roupas, leituras.

Ao educador e demais funcionários da instituição de educação infantil faz-se necessário uma sensibilidade aguçada para acolher e interpretar os recursos comunicativos presentes nos primeiro ano de vida (GALVÃO, 2012). A creche como espaço social relevante para o desenvolvimento da criança pode e deve atuar na estimulação dos recursos comunicativos utilizados pelos bebês. Conforme defende Coutinho (2013),

O desafio de estar com os bebês passa principalmente pela comunicação, pois interpretá-los exige disponibilidade, conhecimento e interesse por parte dos adultos. Os bebês não comunicam, pela fala ou pela escrita o que sentem, conhecem e desejam, mas sim por variados meios de comunicação, como o corpo, o choro, o olhar (p. 9).

Para trilhar o caminho da interpretação daquilo que os bebês comunicam é preciso saber ouvi-los (OLIVEIRA; BUSSAB, 1996). Como nos alerta Cruz (2008, p. 13) é preciso “buscar formas de ouvir as crianças, explorando as suas múltiplas linguagens, tem como pressupostos a crença de que elas têm o que dizer e o desejo de conhecer o ponto de vista delas.” Nessa trilha de proposições, estar atento ao que o bebê comunica é promover uma educação que valoriza a criança, pois mostra respeito à sua “fala”, dar visibilidade aos seus interesses e suas motivações (GUIMARÃES, 2009a; RAMOS, 2010).

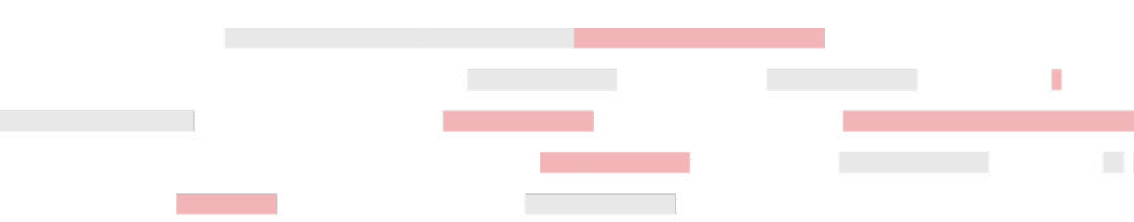
Sendo a criança reconhecida como tal, é preciso pensar na organização de um ambiente na creche que amplie seu potencial de aprendizagem. Para tanto, faz-se necessário reconhecê-la como elemento central no planejamento curricular. Nesse sentido, planejar demanda uma escura atenta aos interesses e motivações do outro, organizar e reorgani-

zar a prática pedagógica reconhecendo a criança como centro do planejamento curricular requer do adulto uma escuta sensível, referenciada nos recursos comunicativos que as crianças possuem.

Sendo assim, é preciso que o adulto interprete as competências sociocomunicativas das crianças, mesmo quando a linguagem verbal não se apresenta. Portanto, fazer educação infantil é captar as reais intenções explicitadas por gestos, sorrisos, movimentos, balbucios, ou seja, é traçar um caminho de aprendizagens levando em consideração as falas das crianças, respeitando-as, interpretando-as, agindo (BORBA, 2008; BRASIL, 2009; CORSINO 2009; GUIMARÃES, 2009a; OLIVEIRA, 2002; RAMOS, 2012).

SEÇÃO II
O CAMINHO
METODOLÓGICO
PERCORRIDO





Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório e descritivo configurada em um estudo de caso. O referencial teórico utilizado para compor tal investigação refere-se aos textos da Sociologia da Infância. Tais referenciais apresentam uma percepção de criança ativa, reconhecida como ator social competente que se desenvolve através das relações vivenciadas cotidianamente. Nesse sentido, concordamos com Nunes, Corsino e Kramer (2009) ao afirmar que o desenvolvimento da pesquisa não ocorre somente orientado pelas bases teóricas ou apenas pelos dados obtidos no percurso metodológico, “o movimento deve delinear-se nos dois sentidos” (p. 22).

2.1 SITUANDO O CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO

O campo de pesquisa escolhido para o desenvolvimento deste trabalho foi o agrupamento etário denominado Berçário I de uma escola municipal de educação infantil localizada na zona oeste de Aracaju/SE.

O espaço físico da sala de referência era bastante amplo. Tais ambientes promoviam a movimentação das crianças sem empecilhos. No entanto, a organização do espaço precisava de atenção, em razão da carência de arranjos espaciais acolhedores e desafiadores.

À época da pesquisa, a instituição destinada a crianças com faixa etária de quatro meses a três anos e meio de idade, mas em razão da falta de recursos humanos para auxiliar o trabalho das educadoras a creche não abriu matrícula para o Berçário I que atendia crianças com faixa etária de quatro a onze meses. Por conta disto, no período do de-

envolvimento da referida pesquisa, os bebês mais novos da creche possuíam nove meses de idade. O funcionamento da instituição acontece em horário integral, das 07h00min às 18h00min.

2.1.1 Participantes do Berçário I: Educadoras e crianças

No turno da manhã, período da pesquisa, o Berçário I contava com o serviço de cinco educadoras, uma pedagoga e quatro cuidadoras. A turma possuía quatorze crianças de ambos os sexos, sendo cinco meninos e nove meninas, cuja faixa etária variava entre nove meses a um ano e dez meses. Vale ressaltar que todos os dias registrávamos a frequência dos bebês (APÊNDICE A).

Tabela 01. Educadoras

Nome*	Atuação
Educadora 01	Cuidadora
Educadora 02	Cuidadora
Educadora 03	Cuidadora
Educadora 04	Cuidadora
Educadora 05	Pedagoga

Fonte: Elaboração própria

* Decidimos diferenciar as educadoras por número em razão de combinarmos o sigilo das mesmas.

Tabela 02. Bebês: início da pesquisa – 01/2014

Nome	Data de Nascimento	Idade
Antônia	01/03/2012	22 meses e 22 dias
Bárbara	29/03/2013	09 meses e 24 dias
Cecília	17/04/2012	21 meses e 06 dias
Clara	19/04/2012	21 meses e 04 dias
Caio	27/04/2012	22 meses e 04 dias
Davi	21/05/2012	20 meses e 28 dias
Denzel	08/06/2012	19 meses e 15 dias
Erica	11/05/2012	20 meses e 12 dias
Evelyn	10/03/2013	10 meses e 13 dias
Janaina	28/08/2012	16 meses e 05 dias
Matheus	13/09/2012	16 meses e 10 dias
Rafaela	02/06/2012	19 meses e 21 dias
Ruan	06/04/2012	21 meses e 17 dias
Willyane	03/03/2012	22 meses e 20 dias

Fonte: Elaboração própria

2.1.2 Os sujeitos focais da investigação

Os sujeitos da pesquisa foram dois bebês – Bárbara e Evelyn – que possuíam respectivamente nove e dez meses de idade no início da coleta de dados.

2.1.3 Realizando pesquisa com bebês: a incrível tarefa de entender suas falas

Um dos passos para traçar o caminho teórico metodológico desta pesquisa foi apresentar a proposta de investigação à coordenação da creche e as professoras do Berçário. Após a aceitação de ambas as partes, pudemos adentrar o campo de pesquisa escolhido para produção de dados.

O próximo passo representava o momento mais importante da pesquisa: o primeiro contato com os sujeitos do estudo, o convite à participação dos bebês na pesquisa, a busca pela aceitação deles frente ao proposto. Esta etapa da pesquisa não contou com videografações, apenas realizamos observações seguidas de escritas em nosso diário de campo.

Nesse sentido, procuramos nos aproximar socialmente dos bebês de maneira cuidadosa respeitosa, pois precisávamos ouvir suas falas, perceber se fomos aceitos para, então, entrar em contato com o dia a dia dos sujeitos investigados e participar de suas rotinas na creche.

O campo da Sociologia da Infância, área destinada a ouvir as crianças e por meio de suas falas entender suas interpretações sobre o seu universo social e também sobre como interpretam o mundo é destaque ao se tratar de pesquisas participativas, onde as crianças atuam junto ao pesquisador, sendo, assim, consideradas como atores sociais competentes.

Considerar a participação das crianças na investigação é um passo decorrente da construção de uma disciplina das ciências sociais que procura desconstruir a persistente afonia e invisibilidade das crianças nas investigações que ao longo do último século se foram multiplicando sob a égide de tentar compreender

a criança, sem nunca considerar essa mesma criança enquanto elemento válido do processo, com voz e opinião acerca do mesmo (SOARES; SARMENTO; TOMÁS, 2004, p.6).

Atualmente, a Sociologia da Infância, por meio de metodologias participativas, respeita as “vozes” e falas das crianças que por muito tempo foram silenciadas. Graças a essa postura, as mesmas são encaradas como sujeitos sociais, seres que se desenvolvem a partir das relações estabelecidas cotidianamente, pois é em contato com o meio social no qual se inserem que as crianças ampliam suas aprendizagens e constroem sua autonomia.

Tendo como base o reconhecimento das crianças como atores sociais competentes, enfatizamos que elas participaram ativamente do processo da construção dos dados. Nos propomos a descrever e analisar os recursos sociocomunicativos utilizados por bebês. Seguindo essa premissa, por reconhecermos o potencial comunicativo dos bebês, eles foram parceiros importantes no delineamento da nossa investigação. O exercício de pesquisar com bebês deixa evidente o esclarecimento destacado por Rocha (2008) “[...] quando o outro é uma criança, a linguagem oral não é central nem única, mas fortemente acompanhada de outras expressões corporais, gestuais e faciais” (op. Cit., p. 45).

As crianças aceitaram a presença da pesquisadora, o que nos possibilitou dar início aos processos escolhidos para coleta de dados. Essa aceitação foi demonstrada pelas crianças a partir das suas posturas frente à pesquisadora: não houve choros, os bebês se aproximaram, olharam para a pesquisadora, sorriram, trocaram brinquedos, sentaram no colo dela. Entre essas observações e aproximações, notamos que os bebês demonstraram interesse por conhecer a pesquisadora, um exemplo claro do interesse está expresso nas seguintes situações:

A pesquisadora está sentada no chão escrevendo algumas coisas no seu diário de campo, Denzel (19 meses) e Ruan (21 meses) se aproximam e se inclinam em direção ao que ela está escrevendo.

Enquanto isso, Davi (20 meses) passeia pela sala e a olha, Evelyn (10 meses), que está no berço também direciona o olhar para a pesquisadora, Caio (22 meses) se aproxima, toca no diário de campo, Clara (21 meses) chama a atenção da pesquisadora, dirigindo-se até ela e mostrando o seu dedo (Registro no diário de campo, 23/01/2014).

A pesquisadora estava sentada do outro lado da sala quando, de repente, Ruan (21 meses) dirige-se até ela calçado em suas sapatilhas; o menino olha para pesquisadora, deixa as sapatilhas dela e sai (Registro no diário de campo, 23/01/2014)

Tal episódio demonstra que Ruan mostrou-se atento à entrada da pesquisadora, observando-a desde os primeiros contatos com o Berçário pesquisado, pois as sapatilhas foram retiradas dos seus pés assim que ela entrou no espaço. O menino, ao trazer os objetos para perto da pesquisadora, expõe uma tentativa de aproximação e um convite à interação. Foi com base nessas aceitações que pudemos traçar o caminho metodológico da pesquisa, o movimento orquestrado por Ruan ao trazer as sapatilhas para perto da pesquisadora demonstrava para nós que havia chegado o momento de calçar os sapatos e viver a fascinante história contida em fazer pesquisa com crianças.

Outras situações de aproximações sociais ganham destaque por meio de filmagens. Ao longo das videograções, as crianças se aproximavam da pesquisadora, mostrando interesse pela câmera de vídeo que estava em suas mãos. Elas dirigiam-se até ela, tocavam na tela de exibição e reconheciam os bebês e os adultos que estavam sendo gravados. Esse reconhecimento era expresso por meio do movimento de apontar, comumente usado para identificar os integrantes dos vídeos e também a partir de expressões verbais. A aproximação social das crianças pode ser contemplada a partir do seguinte registro:

A pesquisadora está gravando uma situação interativa entre a Educadora 01 e os bebês. A cena é constituída da seguinte maneira:

ra: Uma das educadoras sentou-se nos emborrachados e chamou os bebês para sentarem ao redor dela, pois ela iria realizar a leitura de alguns livros. Atendendo ao chamado, as crianças sentaram-se ao redor da educadora. Após 03min 10 seg., Antônia (23 meses) vira-se e olha para pesquisadora, dez segundos depois, engatinha até ela. Clara (23 meses), ao perceber que Antônia saiu, engatinha até onde Antônia estar. As duas meninas ficam atrás da pesquisadora observando as imagens representadas na câmera. Clara toca na câmera e diz “Aqui” e passa a mão na lente da filmadora, a pesquisadora pede para a menina não colocar a mão e a chama para ver o que estava sendo gravado. Para entreter a garota, a pesquisadora começa um diálogo: Está vendo? Parecendo a televisão. Clara põe a mão de novo na frente da câmera, causando um leve remelexo na imagem. Antônia que observava tudo ao lado de Clara e da educadora, afasta-se e passa em frente a filmagem, depois, volta a observá-la. A educadora 04 dirige o olhar para onde estávamos e diz sorrindo: “Deixe de ser curiosa Ana Clara.” A educadora 01 também olha para nós rapidamente. Érica se aproxima e encara a câmera. Clara percebe a presença de Érica (21 meses) no vídeo e diz: “É Eica”. A Pesquisadora pergunta: “E a professora aqui, cadê?” A menina não responde, a pesquisadora enfatiza: “Cadê a professora?” Sem respostas, a pesquisadora então pergunta: Cadê a tia? Imediatamente a garota aponta e fala “aqui”. Até o final do episódio aos 06 min 41 seg, Clara, Antônia e Érica usam estratégias de exploração e interação entre a pesquisadora e o objeto de filmagem. As meninas tentam pegar a câmera, apontam para os integrantes dos vídeos, vocalizam nomes, observam a filmagem (Registro no diário de campo, 04/02/2014).

Figura 1. Aproximação de Antônia e Clara



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 2. Investidas sociais

Fonte: Acervo da pesquisadora

Todas essas ações expressam os investimentos interacionais dos bebês com a pesquisadora. Ela por sua vez, mostrava-se responsiva às investidas sociais das crianças, dialogando e estimulando suas expressões.

Os episódios anteriormente apresentados mostram de maneira clara que os bebês estão atentos ao que acontece diariamente ao seu redor. Ao notarem a presença de um adulto novo no ambiente, eles buscaram através de suas formas próprias de aproximação, estabelecer contato social, revelando, assim, que são seres potencialmente interativos (BORGES; SALOMÃO, 2003; CARVALHO; PEDROSA; ROSSETTI-FERREIRA, 2012; ELMÔR, 2009; GUIMARÃES, 2009b; RAMOS, 2010; TOMASELLO, 2003).

2.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Como mencionado anteriormente, no início da pesquisa apenas nos ancoramos nas observações, seguidas de escritas nos diários de campo. Utilizamos também como instrumentos de coleta de dado uma câmera de vídeo. A câmera de vídeo foi escolhida em razão de poder captar detalhes que às vezes fogem aos nossos olhos quando baseamos-nos somente nas observações, sem uso do registro imagético (CARVALHO; PEDROSA; ROSSETTI-FRERREIRA, 2012). As gravações foram feitas durante 21 dias, realizadas no período da manhã e duravam aproximadamente 30 minutos.

Seguindo as orientações metodológicas de Kreppner (2001), não começamos a pesquisa com a predefinição de categorias de análise, como faziam os pesquisadores que se apoiavam na observação direta. Por outro lado, deixamos nos envolver com os achados e examiná-los de forma exploratória, tomando como referência àquilo que os sujeitos da pesquisa nos indicavam com relação aos objetivos elencados para o presente estudo. Portanto, as categorias de análise foram sendo construídas e emergiram no processo dinâmico entre a pesquisadora e os dados coletados.

Tendo em mãos um conjunto de filmagens, pudemos nos debruçar sobre as situações interativas e interpretá-las em suas inúmeras facetas.

2.2.1 Em busca de episódios interativos: analisando vídeos e construindo dados

Uma ferramenta de pesquisa importantíssima no desenvolvimento do nosso estudo foram as videografações. As gravações foram feitas por uma câmera de vídeo móvel, manuseada pela pesquisadora. No movimento de filmagem, às vezes era preciso locomover-se pela sala para que pudéssemos acompanhar os percursos dos bebês e desta forma não perder o foco das suas expressões faciais durante as interações. Para acompanhá-los em seus movimentos, nos abaixamos, acoramos, vimos, utilizamos o *zoom* da câmera. Todos esses esforços corporais garantiram um conjunto de dados sensível aos recursos sociocomunicativos utilizados pelos bebês. As filmagens focaram as interações estabelecidas entre os bebês e seus coetâneos e também com os adultos.

Nessa trilha de proposições, escolhemos a filmagem como aparato metodológico, pois necessitávamos nos debruçar sobre os mínimos detalhes das interações entre bebês, já que a maioria delas durava apenas segundos. Portanto, o vídeo nos permitiria rever as cenas e captar as nuances que poderiam ser perdidas tendo como base somente as observações (CARVALHO; PEDROSA; ROSSETTI-FRERREIRA, 2012; KREPPNER, 2001).

A análise microgenética das videograções possibilitou o recorte temporal de algumas ações interativas orquestradas pelos bebês integrantes das cenas videogravadas (PEDROSA, CARVALHO, 2005; RAMOS, 2010). Para fazermos esses recortes precisamos assistir aos vídeos um por um, duas vezes no mínimo. Quando percebíamos que havia começado uma situação interativa, parávamos o vídeo e anotávamos o início e término da interação. Logo após, começávamos a descrever passo a passo as ações orquestradas pelos bebês. Muitas vezes, voltávamos um pouco o vídeo para que pudéssemos capturar algum movimento ou expressão que, por conta da rapidez da ação, não conseguíamos captar de imediato. Transformamos todos os vídeos em fotografias; as imagens foram “congeladas” segundo a segundo. Tal recurso foi bastante utilizado, quando uma ação era feita de maneira rápida a ponto não conseguirmos identificar ou então nos provocava dúvida, recorriamos às imagens pausadas, pois elas clareavam nossas incertezas.

Os fluxos interacionais nos deram suporte para elaborarmos *episódios* (PEDROSA; CARVALHO, 2005, p. 432). De acordo com as referidas autoras, o episódio corresponde “a uma sequência interativa” de atividade compartilhada por um grupo de crianças. Nesse sentido, os episódios descrevem as ações intencionais dos bebês, tendo como base um recorte temporal marcado por intenções sociocomunicativas. A comunicação intencional é constituída por meio da linguagem corporal, “tais como os gestos, as expressões faciais, movimentos e posturas do corpo de parceiros de uma interação” (RIVERO, 2003 apud AQUINO; SALOMÃO, 2011a, p. 337).

A percepção do início de um episódio dava-se ao notar a proximidade social de um dos bebês focais do estudo com outros bebês ou com os adultos do berçário. O término de cada episódio acontecia quando os sujeitos focais do estudo distraíam-se e engajavam-se em outras situações (PEDROSA; CARVALHO, 2005; RAMOS, 2010). Cada episódio interativo possui as seguintes informações: Nome do episódio, data da filmagem, nome do vídeo, duração total do vídeo, minutaçõ

da, duração do episódio, integrantes e a descrição do episódio interativo (RAMOS, 2010). Os fluxos interacionais evidenciados resultaram na escrita de 11 (onze) episódios interativos.

Para verificar quais recursos comunicativos apareciam em cada episódio, líamos a descrição dos episódios e destacávamos na cor amarela os recursos evidentes (APÊNDICE B). A partir da descrição dos episódios, construimos dois tipos de quadros de análise, onde constavam os recursos comunicativos utilizados pelos bebês em cada episódio e a frequência que os mesmos apareciam nas situações interativas. Um dos quadros possuía as seguintes informações: Recursos comunicativos; frequência; tipo; número do vídeo e duração. Elegemos a cor verde para caracterizar os recursos sociocomunicativos utilizados por Bárbara e azul os de Evelyn. Dando prosseguimento, elaborávamos o segundo quadro, na cor laranja, contendo a descrição qualitativa das situações em que os recursos apareciam (APÊNDICE C).

Traremos a seguir os resultados e as discussões delineadas a partir do conjunto de dados produzidos durante no percurso metodológico seguido. Destacaremos os modos como os bebês iniciam e partilham situações sociocomunicativas com os pares de idade, descreveremos os processos sociocomunicativos de bebês, demonstraremos quais foram os recursos sociocomunicativos utilizados por eles. Por fim, dialogaremos a respeito da importância do educador na compreensão e ampliação dos recursos comunicativos utilizados pelos bebês. Portanto, proporemos indicadores de estratégias de comunicação dos e entre os bebês para atender aos objetivos do presente estudo.

SEÇÃO III

RESULTADOS E DISCUSSÕES



3.1 OS EPISÓDIOS INTERATIVOS

Na tabela a seguir expomos em caráter de síntese o conjunto de episódios selecionados e descritos. Destacamos a presença dos sujeitos focais da pesquisa na sinopse apresentada. Ressalvamos que eles estão organizados em sequência cronológica.

Tabela 03. Episódios interativos

Título	Síntese	Duração/ Data/Vídeo
Também quero explorar o livro	Trata-se de um episódio que expõe as estratégias sociais utilizadas por Evelyn na exploração do livro lido pela educadora 01. O olhar aparece em evidência.	06min 41 seg 04/02/2014 MOV07656
O chocalho	Antônia e Evelyn estão nos colchonetes. A Educadora 02 balança um chocalho e atrai a atenção das duas garotas. O chocalho é arremessado, começa uma negociação de objetos.	01 min 52 seg 04/02/2014 MOV07658
Explorando as bolsas	Bárbara e Evelyn estão dentro do berço que, encostado na parede da sala do berçário. Essa parede contém algumas bolsas penduradas que são exploradas por elas. Bárbara usa algumas estratégias para alcançar seus objetivos.	01 min 47 seg 11/02/2014 M2U00006
Panela I	Evelyn interessa-se por uma panela de brinquedo que está nas mãos de Clara. A partir de então, interações com Clara e outros parceiros acontecem mediadas pelo brinquedo.	02 min 41 seg 11/02/2014 M2U00006
Panela II	Evelyn começa uma disputa pelas “panelas” que estavam nas mãos de Willyane. A insistência de Evelyn é destaque no episódio.	03 min 01 seg 11/02/2014 M2U00006

Titulo	Síntese	Duração/ Data/Vídeo
Quero melancia	Os bebês estão no chão ao redor das educadoras comendo melancia. Bárbara utiliza-se de alguns recursos corporais para expressar o seu desejo pelo alimento.	01 min 27 seg 11/02/2014 MU200008
A bola	Evelyn , Janaína, Bárbara , Ruan e Matheus interagem neste episódio em torno da posse de uma bola que rola no chão e vai parar na mão de cada um deles.	02 min 01 seg 20/02/2014 M2U00013
Eu quero esse brinquedo	Bárbara e Ruan protagonizam uma disputa de brinquedos. Apesar de Ruan ser mais velho que Bárbara, a garota não se intimida e disputa o objeto como garoto.	01 min 46 seg 20/02/2014 M2U00015
Os três chocalhos	Bárbara e Ruan novamente interagem movidos por disputas de objetos. A menina utiliza-se de um conjunto de estratégias para conseguir a posse do objeto.	02 min 18 seg 20/02/2014 M2U00016
Pula-pula	Evelyn está no chão dançando ao som da música “Pula pula”. Ela utiliza-se do choro para manifestar sua insatisfação ao ser tocada por Janaína.	01 min 00 seg 20/02/2014 M2U00016
Hora da oração	Evelyn engatinha em direção a um grupo de crianças que estão sendo solicitadas pelas educadoras para ficarem de joelhos para fazer uma oração. No percurso, a garota interage com a educadora 04.	01 min 21 seg 25/02/2014 M2U00020

Fonte: Elaboração própria

3.2 OS RECURSOS COMUNICATIVOS UTILIZADOS POR BÁRBARA E EVELYN: ANALISANDO OS EPISÓDIOS

Com base nos onze episódios analisados, construímos dois quadros que representam a quantidade e os tipos de recursos comunicativos utilizados pelos sujeitos focais deste estudo em interação com seus coetâneos e com os adultos do berçário. A seguir, é possível notar a abundância de ações e de recursos orquestrados pelos bebês para comunicar suas intenções, conforme apresentaremos.

Tabela 04. Recursos comunicativos utilizados por Bárbara

Recursos comunicativos	Frequência	Tipo
Olhar	39	Não-verbal
Engatinhar	18	Não-verbal
Estender o braço	12	Não-verbal
Pegar	11	Não-verbal
Tocar	8	Não-verbal
Virar o corpo	7	Não-verbal
Ficar em pé	4	Não-verbal
Parar	4	Não-verbal
Puxar	4	Não-verbal
Balançar	4	Não-verbal
Soltar	3	Não-verbal
Apoiar o braço	2	Não-verbal
Abaixar	2	Não-verbal
Bater (objeto)	2	Não-verbal
Inclinar o corpo	1	Não-verbal
Virar o rosto	1	Não-verbal
Mexer o braço	1	Não-verbal
Levantar o braço	1	Não-verbal
Balbuciar	1	Vocal
Afastar o braço	1	Não-verbal
Gritar	1	Vocal
Arrastar	1	Não-verbal

Fonte: Elaboração própria.

O respectivo quadro nos dá algumas informações importantes a respeito do perfil social de Bárbara, baseando-se nos recursos sociocomunicativos utilizados por ela. É evidente a predominância de recursos comunicativos corporais. Dentre os vinte e dois (22) recursos usados, apenas dois (02) são vocais, com somente uma aparição cada. O olhar, por exemplo, é o recurso comunicativo mais utilizado para ela demonstrar seus interesses. Assim como Elmôr (2009), acreditamos que o direcionamento do olhar pode ser considerado uma ação fortemente interativa. Além deste recurso utilizado por Bárbara, destacam-se ainda o engatinhar, estender o braço, pegar, tocar. Bárbara evidencia o que os es-

tudiosos da Sociologia da Infância defendem: ela é visivelmente um ator social competente. Suas práticas interativas evidenciam tal percepção.

Por meio da riqueza de recursos comunicativos usados nos episódios é possível concluir e enfatizar que os bebês são potencialmente sociocomunicativos. Mesmo sem a presença das aquisições linguísticas consolidadas, a garota interagiu com seus coetâneos, buscou formas de superar obstáculos, disputou objetos; enfim, ela atuou socialmente no ambiente do berçário e expos através dos seus movimentos, suas necessidades, interesses, motivações, intenções (RAMOS, 2012).

Tabela 05. Recursos comunicativos utilizados por Evelyn

Recursos comunicativos	Frequência	Tipo
Olhar	58	Não-verbal
Engatinhar	17	Não-verbal
Virar o corpo	15	Não-verbal
Pegar	7	Não-verbal
Balançar	4	Não-verbal
Tocar	4	Não-verbal
Sorrir	4	Não-verbal
Parar	4	Não-verbal
Ficar em pé	3	Não-verbal
Bater palmas	1	Não-verbal
Dançar	2	Não-verbal
Gritar	2	Vocal
Estender o braço	2	Não-verbal
Apoiar-se nas pernas da educadora	2	Não-verbal
Sentar	2	Não-verbal
Recuar o corpo	1	Não-verbal
Inclinar o corpo para baixo	1	Não-verbal
Sentar	1	Não-verbal
Virar o rosto	1	Não-verbal
Bater palmas	1	Não-verbal
Balbuciar	1	Vocal
Afastar o braço	1	Não-verbal
Abaixar	1	Não-verbal
Choramingar	1	Vocal
Remexer (Dançando)	1	Não-verbal

Fonte: Elaboração própria.

Conforme exposto, constatamos o uso de vinte e cinco (25) tipos diferentes de recursos comunicativos nas interações de Evelyn com seus parceiros. Desses, três (03) correspondem a recursos vocais e os demais aos movimentos corporais. Assim como nas relações sociais desenvolvidas por Bárbara, o olhar é destaque nos episódios interativos protagonizados por Evelyn. O respectivo recurso aparece cinquenta e oito (58) vezes; consideramos esse número bastante expressivo. Analisando a aparição do direcionamento do olhar nas ações de Evelyn, é possível entender o porquê da sua enorme frequência. O olhar foi comumente usado para demonstrar interesse em objetos que estavam sob a posse de outras crianças, expor a vontade de ir para o colo, procurar proteção dos adultos da sala.

Diferentemente de Bárbara, Evelyn detinha uma postura voltada em maior potencial para a observação. Ela dificilmente buscava estratégias para disputar um objeto, em contrapartida, apenas o observava e distraía-se manipulando outro brinquedo. A garota preferia sair de cena ao invés de negociar o direito de explorar àquilo que chamou sua atenção.

AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

A seguir, iremos apresentar a descrição e análise dos episódios interativos selecionados para o referente estudo. Os achados foram agrupados tendo como referência quatro categorias interativas. Estas categorias emergiram diante dos dados coletados, conforme já explicitamos. A primeira categoria refere-se à presença marcante do olhar na interação.

3.3.1 O olhar em destaque

Escolhemos os episódios *Também quero explorar o livro, Panela I e Hora da oração* para expor os interesses manifestados por Evelyn através do olhar.

Tabela 06. Episódio: Também quero explorar o livro

Episódio	Integrantes	Duração/Data/Vídeo
Também quero explorar o livro	Evelyn (11 meses); Educadora 01; Educadora 02.	06 min 41 seg 04/02/2014 MOV07656

Fonte: Elaboração própria

DESCRIÇÃO: Evelyn (11 meses) está sentada nos tapetes emborrachados junto com seus coetâneos e educadoras. Uma das educadoras senta nos emborrachados e chama as crianças para ficarem junto a ela, pois, ela iria realizar a leitura de alguns livros. Atendendo ao chamado, as crianças sentam-se ao redor da educadora. Evelyn foi posta no ambiente por outra educadora.

Evelyn olha para a esquerda (em direção ao livro que a Educadora 01 tem nas mãos). A garota olha para esquerda, em direção a Educadora 02 que está olhando para o livro. Ao perceber que a menina está a observando, a Educadora 02 retribui com um sorriso. Evelyn direciona o olhar para a direita (em direção a uma pelúcia que está na mão de um bebê). Logo depois, olha para frente na direção da câmera e a encara. Olha novamente para esquerda em direção ao colo da Educadora 02 (é conduzida pela educadora para seu colo).

Figuras 3; 4; 5. O olhar revelador de Evelyn

Fonte: Acervo da pesquisadora.

A menina demonstra um leve sorriso com os lábios cerrados. Fica de pé e olha para baixo em direção ao livro que está sendo lido pela Educadora 01. Senta-se no colo da Educadora 02 com o olhar fixo no livro

que está nas mãos da Educadora 01. Toca a perna da educadora 01. Durante leitura, a educadora 01 pede para que as crianças imitem/repitam os sons dos animais do livro. Evelyn acompanhou com o olhar cada uma das crianças que repetiram o som.

Figura 6; 7; 8. Estratégias para explorar o livro.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Discussão do episódio: Também quero explorar o livro

O episódio demonstra o destaque do olhar como recurso comunicacional para exposição de interesses. Por meio do direcionamento do olhar, Evelyn evidencia um possível interesse pelo livro de histórias que está nas mãos da Educadora 01. Dando prosseguimento as ações protagonizadas por meio do olhar, a menina dirige-o para a Educadora 02, que retribui o olhar demorado da garota para ela com um sorriso. Apesar de outros elementos do espaço dividir a atenção do olhar da garota, a exemplo da pelúcia e câmera, a menina persiste a olhar para a educadora 02, desta vez, seus olhos imprimem um possível desejo: eles focalizam o colo da referida educadora. Evelyn dar início ao que Tomasello (2003) denominou de atenção conjunta, cujo desenvolvimento dar-se por uma relação triádica: criança-educadora-objeto. A respectiva atenção conjunta é guiada pela força interativa do olhar. Evelyn segue uma das características peculiares deste tipo de interação: direciona o seu olhar para o interesse ocular do adulto.

Por todos, esses aspectos, o olhar possui caráter bastante relevante nas trocas sociais protagonizadas por bebês, pois representa um recurso

comunicativo recorrente para demonstrar intenções, devido sua forte expressividade e poder de contágio social. Nesse sentido, o olhar não é encarado com neutralidade, ele vai além do conhecimento do mundo físico mundo, proporcionado pela visão. O direcionamento do olhar dá início e término a ações interativas, ou seja, revela-se potencialmente sociocomunicativo (AMORIM; ANJOS; ROSSETTI-FERREIRA, 2012; BELINI; FERNADES, 2007; ELMÔR, 2009).

Consoante às investidas sociais de Evelyn, a Educadora 02 encara a investida do olhar da garota como um pedido de aproximação do objeto que atraiu sua atenção - o livro. Evelyn é conduzida para seu colo. Tal atitude demonstra uma sensibilidade pedagógica aguçada, capaz de interpretar o olhar como recurso comunicativo. Infelizmente, não é difícil encontrar realidades pedagógicas contrárias à concepção de olhar atuante, visto que, muitas vezes, somente ações vocais e/ou corporais com movimentos bruscos são consideradas expressões das “falas” dos bebês (AMORIM; ANJOS; ROSSETTI-FERREIRA, 2012).

Já no colo da educadora, a menina dispõe de um novo recurso comunicativo para expressar sua satisfação ao aproximar-se do livro: ela esboça um leve sorriso com os lábios cerrados. T tamanha excitação é exposta com outro recurso comunicativo corporal: a garota fica em pé e mantém os olhos no objeto, mas logo depois se senta. Ao sentar, Evelyn tem maior chance de tocar a perna da educadora em busca de proximidade e demonstração ativa de interesse e é isso que a garota faz.

Um aspecto a ser realçado refere-se ao aparecimento de outros recursos comunicativos utilizados por Evelyn ao se aproximar do livro. De longe, ela buscou contato ocular para ser aceita pela educadora na situação interativa de leitura. Ao ser aceita, aprimorou suas formas de interação, aliando demais recursos comunicativos na demonstração de interesses. O olhar continuou marcadamente presente, mas a menina dispôs de alguns dos seus recursos corporais para demarcar sua atenção na cena descrita.

A seguir, será exposto o episódio “Panela I”.

Tabela 07. Episódio: Painel I

Episódio	Integrantes	Duração/Data/Vídeo
Painel I	Evelyn (11 meses); Clara (22 meses); Willyane (23 meses).	02min 41 seg1/02/2014 M2U00006

Fonte: Elaboração própria

DESCRIÇÃO: A Educadora 03 retira Evelyn do berço e a coloca nos colchonetes, onde estão as outras crianças do berçário e alguns brinquedos espalhados no chão. Evelyn está se deslocando – engatinha - para o encontro dos brinquedos dispostos no chão. Durante o seu deslocamento, Clara balança uma panela com um objeto dentro, ocasião em que Evelyn direciona seu olhar para as mãos de Clara. Clara, reconhecendo a investida do olhar de Evelyn, aproxima os brinquedos do rosto da menina e dar um leve empurrão. Evelyn recua um pouco, mas continua a olhar para o brinquedo que está nas mãos de Clara. Clara, por sua vez, estende o brinquedo para Evelyn e a garota pega um objeto que estava dentro da panela segurada por Clara. Evelyn olha o objeto por inteiro, virando-o, parecendo que está examinando-o, depois o dirige até a boca.

Figura 9; 10; 11. Estou de olho nesta panela.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Logo após, Evelyn percebe que a panela - brinquedo que Clara brincava - está nas mãos de Denzel que o leva até a boca e vocaliza algo; a menina direciona o olhar para o rosto do menino, Clara, puxa o brinquedo das mãos de Denzel e o coloca na boca, Evelyn acompanha com o olhar. Clara olha para Evelyn e vocaliza algo com o brinquedo na boca, Evelyn continua a olhar para Clara. Willyane está ao lado e começa a se

remexer, Evelyn direciona seu olhar por alguns instantes para Willyane e percebe que ela possui um brinquedo igual ao de Clara.

Figura 12; 13; 14. As painelas chamaram minha atenção.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Evelyn olha novamente para Clara. Clara solta o brinquedo no chão e Evelyn o pega. Evelyn tenta reproduzir a ação feita por Clara: buscando colocar dentro da panela o mesmo brinquedo que Clara havia colocado; ela procura estratégias para colocá-lo apesar da sua imaturidade motora. Quando ela consegue colocá-lo, Clara puxa a panela de suas mãos e o outro brinquedo também. Evelyn direciona o olhar para as mãos de Clara, seguindo os demais movimentos feitos pela garota com os brinquedos tomados. Instantes depois, Evelyn toca no pé de Clara, como se quisesse chamar a sua atenção, em razão de Clara não parecer dar importância a sua investida, Evelyn pega um brinquedo que está ao seu lado e começa a explorá-lo.

Figura 15; 16; 17. Conseguir brincar com a panela.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Discussão do episódio: Painel I

Grande parte das interações entre bebês acontecem por conta do interesse no objeto manipulado por outrem. Mesmo o espaço possuindo diversos objetos espalhados no chão, apenas poucos se tornam atrativos para as crianças. Os movimentos orquestrados por outras crianças, ao manusearem determinados objetos, disseminam o interesse em vivenciar situações parecidas (AMORIM; ANJOS; ROSSETTI-FERREIRA, 2012). Este episódio demonstra o respectivo processo interativo.

Ao notar Clara balançando os brinquedos, Evelyn direciona seu olhar para os objetos, demonstrando interesse. Vale ressaltar que o movimento protagonizado por Clara ao chacoalhar os brinquedos é o grande responsável pela atenção de Evelyn, pois havia vários brinquedos espalhados pelo chão, mas apenas aquele orientou a direção do olhar da menina.

A partir de então, começa um processo interativo entre as meninas. A interação acontece sob o foco nos objetos possuídos por Clara. O olhar fixo de Evelyn nos brinquedos manuseados pela garota é interpretado pela parceira como desencadeador de interesses. Evelyn consegue mobilizar e influenciar os próximos movimentos de Clara. A mobilização é expressa quando Clara aproxima os brinquedos em mãos até o rosto de Evelyn e logo em seguida estende seu braço e oferece um destes objetos. Portanto, no decorrer da interação iniciada, Evelyn provoca ações e reações em Clara e vice-versa (AMORIM; ANJOS; ROSSETTI-FERREIRA, 2012).

Um exemplo da reação provocada por Clara diz respeito ao ato de pegar o objeto oferecido pela menina. Até então Evelyn somente expressava seu desejo pelo olhar, mas ao passo que aceitou o objeto oferecido, ela expôs seu interesse utilizando outro recurso comunicativo: o pegar. Ao colocá-lo na boca, a garota expressa por meio do referido movimento, seu desejo em explorá-lo. O movimento, conforme explica Ramos (2012), é uma ferramenta para atuação no contexto social, ele mobiliza o outro em razão do seu potencial comunicacional.

Mesmo tendo em mãos um dos brinquedos que Clara possuía, Evelyn ainda demonstra interesse pela panela. Desta vez, ela direciona o olhar para Denzel, pois o garoto encontra-se com o objeto. A garota segue com o olhar o percurso do objeto que, ora está com Denzel, ora com Clara. Também divide sua atenção com Willyane, olhando a garota balançar um objeto igual ao que Clara e Denzel manuseavam. Evelyn olha novamente para Clara que solta o brinquedo no chão e a menina o pega. O olhar novamente é fortemente marcado como um recurso comunicacional elegido para expressar interesses (AMORIM; ANJOS; ROSSETTI-FERREIRA, 2012; BELINI; FERNADES, 2007; ELMÔR, 2009). A esse respeito, encontramos a seguinte colocação: “[...] o direcionamento do olhar é uma forma de se transmitir sinais socialmente relevantes, comportamentos estes considerados não verbais. O olhar não é considerado simplesmente visão” (ELMÔR, 2009, p. 27). Logo, os bebês que protagonizaram o referido episódio interativo sabem e explicitam que o olhar vai muito além da visão.

Dando prosseguimento à ação interativa, Evelyn dispõe da imitação como forma de expressão da significação que os movimentos de Clara representaram para ela. Ao tentar pôr um objeto dentro do outro, ela recupera a ação de Clara e dar um novo sentido a mesma. A novidade revela-se em razão da incompletude motora da menina, carregando assim traços peculiares de quem a representa. Conforme referencia Guimarães (2009b) e Ramos (2010), os bebês imitam o outro quando desejam interagir socialmente e compartilhar ações. Na opinião das autoras, o ato de imitar permite visibilidade e significado às relações sociais desenvolvidas no cotidiano. Imitar é criar e recriar o contexto social ao qual está inserido. A imitação é a expressão ativa daquilo que chamou a atenção dos bebês, ela é carregada de intencionalidades.

O final do episódio é demarcado pela tomada dos brinquedos por Clara e um possível desinteresse em continuar o processo interativo mediado pelos brinquedos em questão. A mudança de foco pode ser interpretada da seguinte forma: ao tentar chamar a atenção de Clara por meio do toque, Evelyn não conseguiu retorno positivo, pois Clara não

esboçou nenhuma reação de interesse em continuar a interação. Diante da situação, Evelyn pega um brinquedo que está ao seu lado e começa a explorá-lo. O episódio chega ao fim no exato momento.

Dando prosseguimento ao papel do olhar na interação. Vamos explorar o episódio “Hora da oração”.

Tabela 08. Episódio: Hora da oração

Episódio	Integrantes	Duração/Data/Vídeo
Hora da oração	Evelyn (11 meses); Educadora 04.	01 min 21 seg/25/02/2014 M2U00020

Fonte: Elaboração própria

DESCRIÇÃO: Evelyn está engatinhando em direção a um grupo de crianças que estão nos emborrachados sentadas, sendo solicitadas pelas educadoras para ficarem de joelhos para fazer uma oração. Ao chegar aos emborrachados ela para e olha para as crianças. A Educadora 04 sorri. O sorriso da educadora é ouvido por Evelyn, a menina vira o corpo, olha para o rosto da educadora.

Figura 18; 19; 20. Indo ao encontro dos bebês.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Logo depois, Evelyn olha para a máquina fotográfica que está nas mãos da educadora e engatinha até ela. Ao chegar bem próximo da educadora, Evelyn põe as duas mãos na perna dela, solta uma das mãos e fica em pé. Desequilibra-se e cai. A educadora dirige seus olhos e mão para o rosto da menina e o segura. Evelyn olha para o rosto da educadora. Logo após, a educadora o solta.

Figura 21; 22; 23. Vamos conversar?

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Evelyn olha para o lado e toca na sandália de Rafaela, olha para o rosto de Rafaela, mas a menina não dirige seu olhar para Evelyn. A menina volta o olhar novamente para o rosto da educadora, aproxima-se novamente da perna da educadora, apoia-se nela e fica de pé.

Figura 24; 25; 26. Ainda quero conversar.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

A educadora passa as mãos nas costas de Evelyn, a menina acocora-se, mas logo fica de pé novamente. Evelyn dirige seu olhar para o rosto da educadora que aproxima seu rosto da face da garota. A educadora faz o movimento de vai e vem entre seu rosto e o de Evelyn durante três vezes seguidas. Evelyn acompanhava com o olhar e sorrindo. A educadora senta Evelyn no chão e sai para tirar fotos das crianças.

Figura 27; 28; 29. Estamos interagindo.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Discussão do episódio: Hora da oração.

Nesse episódio podemos perceber que Evelyn é atraída pelo conjunto de crianças e educadoras sentadas nos emborrachados. A movimentação das crianças e os chamados das educadoras orientam a atenção da garota para o que está acontecendo nos emborrachados. Seu interesse é demonstrado pelo engatinhar, encarado neste estudo como um dos recursos comunicativos corporais utilizados para exposição de intenções. Nesse sentido, o corpo é o meio para exploração e comunicação com o mundo, sendo muitas vezes corresponsável pelas relações sociais estabelecidas com os outros (ANJOS; AMORIM; FRANCHI E VASCONCELOS; ROSSETTI-FERREIRA, 2004; AQUINO; SALOMÃO, 2011).

A menina continua a expor interesse em participar da situação interativa, pois interrompe o engatinhar, para e acompanha com um olhar aparentemente investigativo os movimentos das crianças. Apesar de está concentrada na observação do que fazem os outros bebês, a garota também explicita atenção aos demais elementos que compõem a cena. Quando a Educadora 04 sorri, Evelyn escuta o som gerado por ela e vira o corpo na direção da educadora e olha para seu rosto. O riso foi o ponto chave para Evelyn começar um processo interativo com a educadora. O início da interação foi marcado pelos seguintes recursos comunicacionais: engatinhar, dirigir as mãos para o colo da educadora, ficar de pé. O engatinhar é interpretado como maneira para aproximar-se da educadora, expondo, assim, interesse em iniciar uma nova interação; a busca por proximidade se acentua quando a criança toca a educadora, se apoia sobre ela e fica de pé. Tal atitude pode ser interpretada como busca pelo contato olho no olho, já que ao erguer seu corpo para cima, a garota teria uma maior aproximação da face da educadora. A tentativa de olhar nos olhos da educadora denota a predisposição para trocas sociais, Evelyn busca desta forma, aceitação (ELMÔR, 2009).

Por conta de sua incompletude motora, (VASCONCELOS; AMORIM; ANJOS; ROSSETTI FERREIRA, 2003), a garota desequilibra-se e

cai. A queda motivou a educadora a dirigir seus olhos e mão para o rosto da menina e segurá-lo, como se quisesse consolá-la. A menina retribuiu o olhar. Ambas estabelecem uma relação olho a olho. Mas logo depois a educadora solta o rosto da garota e direciona o olhar para frente.

Devido o distanciamento repentino do olhar da educadora, Evelyn parece querer dar início a um processo interativo com Rafaela. Ela usa novamente o olhar e o toque como recursos comunicacionais para indicar intenções sociocomunicativas. Porém, a garota não sustenta a tentativa de interação com Rafaela. O foco dela volta a ser a educadora. Para alcançar seu objetivo, Evelyn utiliza-se novamente das estratégias socio-comunicativas anteriormente usadas: olhar para o rosto da educadora, dirigir as mãos para o colo da educadora, ficar de pé. A escolha tem uma razão de acontecer, pois há pouco tempo, foram esses os movimentos auxiliares do desenvolvimento da interação.

A atitude de Evelyn - voltar para o cenário interativo ao qual tem interesse - expõe o porquê do nosso reconhecimento da criança como ator social competente desde os primeiros dias de vida. A menina é capaz de convidar e mobilizar o outro para trocas sociais. Por meio de seus recursos comunicativos, inicia interações, encontra formas de sustentá-las. Ao olhar outra vez para o rosto da educadora, tocá-la, ficar de pé, Evelyn mobiliza as ações da educadora para seus interesses. A educadora passa a produzir movimentos que demonstram um aceite à interação: passa a mão nas costas da garota, aproxima o seu rosto do dela. Os respectivos movimentos são respondidos de maneira positiva por Evelyn, ela expõe sua satisfação pela retribuição do olhar e do seu sorriso, estes recursos comunicativos também são sinais expressivos que esbanjam o bem estar de Evelyn ao interagir com a educadora.

3.3.2 Negociando objetos com o corpo

Nas relações sociais estabelecidas entre os sujeitos focais do nosso estudo destacaram-se as disputas de objetos. Para apresentar os acha-

dos selecionamos os episódios *O chocalho*, *Explorando as bolsas Panela II*, *A bola*, *Eu quero esse brinquedo* e *Os três chocalhos*, pois eles demonstram os recursos comunicativos utilizados na negociação de objetos.

Tabela 09. Episódio: O chocalho

Episódio	Integrantes	Duração/Data/Vídeo
O chocalho	Evelyn (11 meses); Antônia (23 meses); Educadora 02; Clara (22 meses).	01 min 52 seg 04/02/2014 MOV07658

Fonte: Elaboração própria

DESCRIÇÃO: Evelyn e Antônia estão no chão. Evelyn escuta um som que vem do chocalho que é balançado pela Educadora 02. A menina dirige-se engatinhando e sorrindo até onde a educadora está. No percurso, acompanha com o olhar a trajetória de uma bola que passa em sua frente. A bola é seguida por Clara.

Figura 30; 31; 32. O percurso da bola.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A educadora 02 joga o chocalho e diz: “Evelyn, vai lá pegar”. Ela olha para o lado direito e para baixo em direção ao chocalho. Ela vira seu corpo em direção ao chocalho (engatinhando); Antônia também dirige-se ao chocalho. Evelyn toca o chocalho com a mão direita e com a esquerda apoia o corpo. Solta o chocalho e olha para o rosto de Antônia. Antônia dirige a mão esquerda até o chocalho e olha para Evelyn que está olhando para a mão de Antônia.

Figura 33; 34; 35. O aparecimento do chocalho.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Nesse momento a Educadora 02 intervém e diz: “Dê a ela, Antônia. Dê a ela.” Evelyn olha para a educadora. Antônia fica de pé e estende o chocalho para Evelyn. Evelyn vira o rosto e parece não demonstrar interesse em Antônia. Antônia se aproxima e Evelyn continua olhando para a direita com a mão direita no ouvido direito. Antônia entra na área de visão de Evelyn, a menina, então, olha para o chocalho, sorrindo. Evelyn olha para o lado esquerdo. Antônia tenta entregar o brinquedo a Evelyn, mas a garota não se dispõe a pegá-lo.

Figura 36; 37; 38. Quer o chocalho?

Fonte: Acervo da pesquisadora.

A educadora diz para Antônia deixar o chocalho no colo de Evelyn. Seguindo a recomendação, Antônia deixa o chocalho e sai. Evelyn estica seu braço esquerdo para o lado em direção à educadora e começa a se remexer como se estivesse dançando. Evelyn estica seu braço esquerdo para o lado em direção a educadora, coloca a mão na cabeça, abaixa o braço, bate palmas, abre os braços, olha para o lado direito em direção a TV, engatinha, para, olha para cima, olha para o lado esquerdo em direção à educadora, olha para baixo em direção ao chocalho, pega

o chocalho com a mão esquerda, abre a boca, sacode o chocalho, põe o chocalho na boca.

Figura 39; 40; 41. A entrega do chocalho.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Discussão do episódio: O chocalho.

Os bebês estão a todo o momento prestando atenção ao espaço físico da creche e as ações dos indivíduos que o compõem. Os objetos disponibilizados para exploração são motivo de interesse quando outrem o manipula. Os bebês compartilham, assim, situações de atenção conjunta (TOMASELLO, 2003), onde a interação é conduzida pelo tripé bebê- pessoa-objeto. Neste episódio, o foco de interesse maior é um chocalho, cuja posse pertence à Educadora 02. O interesse pelo objeto inicia quando a menina escuta o som produzido por ele ao ser balançado pela respectiva educadora. Os recursos sociocomunicativos corporais que denotam interesse em negociar o brinquedo referem-se às ações de engatinhar em direção a educadora e sorrir. Durante o percurso, uma bola manejada por Clara atrai seus olhares. É importante ressaltar que grande parte dos interesses por determinados objetos acontecem quando estes estão sendo manipulados por outrem (AMORIM; ANJOS; ROSSETTI-FERREIRA, 2012).

Respondendo aos recursos sociocomunicativos corporais empregados por Evelyn para imprimir o desejo em explorar o chocalho, a Educadora 02 lança o objeto e diz: “Evelyn, vai lá pegar”. A possível negociação de objetos com o corpo foi acolhida e interpretada pela educadora: ela mostrou-se afetuosa as motivações da menina, expostas e

interpretadas por meio da linguagem própria de quem ainda não possui uma fala articulada em palavras, mas expressa muito bem seus desejos por meio dos seus movimentos (GALVÃO, 2012).

As ações da menina e da educadora se correlacionam. Evelyn engatinha porque tem interesse no objeto balançado pela educadora. A educadora, por sua vez, arremessa o chocalho ao perceber que a garota transpõe o olhar para a bola. Ao perceber o arremesso, Evelyn dispõe do olhar e do engatinhar para comunicar o interesse em buscá-lo. Portanto, os movimentos da educadora provocam ações e reações em Evelyn e vice-versa (AMORIM; ANJOS; ROSSETTI-FERREIRA, 2012).

Outra participante do episódio interativo que demonstra interesse pelo chocalho é Antônia. Ambas se encontram e tecem relações sociais por causa do interesse mútuo no brinquedo. Evelyn toca o chocalho, mas recua o braço e olha para o rosto de Antônia. A garota parece transparecer dúvida se prossegue ou não na tentativa de obter o objeto por conta da aproximação de Antônia. Antônia pega o objeto e olha para Evelyn, como se quisesse observar a reação da garota. Evelyn exhibe o olhar direcionado a mão de Antônia, onde se encontra o objeto. A forma de olhar da garota visibiliza o desejo de tê-lo.

Desta vez, são as ações de Antônia e as reações de Evelyn que provocam o agir da educadora. Sendo assim, ela intervém imperativamente: “Dê a ela, Antônia. Dê a ela.”. A educadora interrompe de forma brusca o enredo interativo e o aparecimento de demais recursos sociocomunicativos, pois ao exigir que Antônia entregue o brinquedo a Evelyn, ela não dar chances para a menina utilizar as estratégias sociocomunicativas que dispõe na negociação de objetos. Agindo fielmente aos comandos, Antônia estende o chocalho para garota, mas Evelyn vira o rosto, parecendo não mais demonstrar interesse pelo objeto, visto que, ele está dado, não pertence mais a uma negociação. Nas tentativas de obter a atenção da menina, Antônia entra na área de visão da garota; Evelyn, então, sorri e olha para o brinquedo, parecendo recuperar o interesse. Antônia tenta entregar o brinquedo a Evelyn, mas a garota não se dispõe a pegá-lo.

Consentindo ao pedido de deixar o brinquedo no colo de Evelyn, Antônia coloca o chocalho próximo à menina e sai, interrompendo, assim, a interação. Evelyn, também já expõe que o processo interativo entre ela e Antônia chegou ao fim porque não responde mais às investidas sociais de Antônia. Ela olha para o lado e estica seu braço esquerdo em direção à educadora e começa a se remexer como se estivesse dançando. Em seguida, engatinha em direção ao chocalho, pega, abre a boca, demonstrando satisfação, sacode, põe na boca, ou seja, explora-o do seu modo.

A seguir, vamos analisar o episódio “Explorando as bolsas”.

Tabela 10. Episódio: Explorando as bolsas

Episódio	Integrantes	Duração/Data/Vídeo
Explorando as bolsas	Evelyn (11 meses); Bárbara (11 meses).	01 min 47 seg11/02/2014 M2U00006

Fonte: Elaboração própria.

DESCRIÇÃO: Bárbara e Evelyn estão dentro do berço, encostado na parede da sala do berçário. Esta parede contém algumas bolsas penduradas que, por conta da posição do berço, elas ficam dentro dele. Bárbara está encostada nas grades do berço, fixando seu olhar para frente e esticando seus braços para fora. De repente, ela vira o rosto para trás, onde Evelyn se encontra e acocora-se, toca um lençol que está ao seu lado, direciona o olhar para a Evelyn.

Figura 42; 43; 44. Por que estamos neste berço?



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Ao perceber a investida de olhar de Bárbara, Evelyn, balança o braço e direciona o olhar para ela; logo após olha para o lado, onde está uma bolsa branca. Ela começa a balançar a alça da bolsa e dar um pequeno grito. Esse movimento seguido da vocalização de Evelyn chama a atenção de Bárbara que engatinha até a bolsa e começa a tocá-la também.

Figura 45; 46; 47. Vou tornar o espaço do berço atrativo.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Logo depois, Bárbara se apoia na bolsa e fica de pé. Evelyn acompanha com o olhar os seus movimentos. Evelyn continua a tocar na alça da bolsa. Bárbara, por sua vez, apoia-se na bolsa e olha para cima, parecendo analisar as demais bolsas que estavam sob a parede. Logo em seguida, Bárbara começa a tocar a bolsa ao lado, batendo-a deslocando-se de uma bolsa a outra. Ao chegar à terceira bolsa, Bárbara tentou seguir adiante, mas Evelyn estava no meio do caminho. Bárbara se abaixou e puxou os cabelos de Evelyn. Evelyn se afastou, engatinhando. Bárbara continuou a tocar nas demais bolsas que estavam dentro do berço.

Figura 48; 49; 50. Deixe-me explorar todas as bolsas.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Discussão do episódio: Explorando as bolsas.

O diferencial deste episódio interativo é que ele ocorre entre os dois sujeitos focais do nosso estudo. Além disso, a situação interativa possui outra especificidade: ela acontece no berço, local que muitas vezes priva os bebês de iniciar interações com seus coetâneos. Entretanto, nesta situação específica, os bebês não vivem a exclusão total de oportunidades interativas porque não estão sozinhos, dividem o espaço com o coetâneo. Assim como no episódio anterior, o processo interativo em destaque ocorre porque há uma atratividade em compartilhar a experiência de explorar o objeto que outrem manipula (AMORIM; ANJOS; ROSSETTI-FERREIRA, 2012).

No início do episódio, o posicionamento do olhar e do corpo de Bárbara remetem a uma insatisfação de quem está no berço. Ao olhar fixo para fora, a garota denota está interessada no ambiente externo, seus braços para fora deixam claro tal desejo. Por não ter seu interesse acolhido pelas educadoras, a garota contrasta a concepção inativa associada à ideia de estar no berço. A “transgressão” dá início quando a menina vira o rosto para trás, acocora-se, toca o lençol e olha para Evelyn. Esses movimentos expressam que Bárbara encontrou um sentido para estar no berço; a partir de então, ela apresenta-se disposta a iniciar uma interação. Ao perceber a investida social do olhar de Bárbara, Evelyn, balança o braço e direciona seu olhar para a garota. Ela demonstra, assim, entusiasmo ao interagir com Bárbara; a excitação transparece por meio dos recursos comunicativos corporais selecionados para manter o foco de Bárbara. As tentativas de sustentar a interação continuam firmes, desta vez, Evelyn começa a movimentar a alça de uma das bolsas penduradas na parede. O entusiasmo é tanto que a menina dá um grito. A manipulação da bolsa, seguida do grito, representam recursos comunicativos relevantes. Os gestos e vocalizações de Evelyn permitiram a aproximação de Bárbara e simultaneamente o desejo de explorar o objeto manipulado pela garota.

Quando chega próximo à bolsa, Bárbara se apoia e fica de pé. Assim como Evelyn, a garota poderia explorar a bolsa sentada, mas o que Bárbara expressa ao levantar-se é o desejo de ir além do objeto manipulado por Evelyn; a menina demonstra que pretende explorar o máximo de bolsas possível. A respectiva vontade evidencia-se com o direcionamento do olhar para as outras bolsas, o jeito de olhar representa uma postura investigativa: a garota age como se estivesse analisando as demais bolsas que estavam sob a parede. A postura corporal de Bárbara não interrompe a manipulação de Evelyn, a menina continua a tocar na bolsa. No entanto, ao colocar seu objetivo de explorar as demais bolsas em ação, deslocando de uma bolsa a outra, Bárbara encontra uma situação problema: Evelyn está na passagem do caminho. O que fazer? Diante da barreira e da insatisfação por causa dela, Bárbara dispõe do seguinte recurso comunicativo: puxar o cabelo de Evelyn. O movimento protagonizado por Bárbara sofreu a influência esperada em Evelyn, visto que a menina se afastou, engatinhando e Bárbara pôde continuar a explorar as bolsas sem a presença de Evelyn.

A situação descrita baseia-se nos construtos teóricos estudados. Novamente, os bebês expressam permanecer atentos às possibilidades de compartilhar ações. As trocas sociais são iniciadas e sustentadas a partir das suas ricas estratégias sociocomunicativas. Nessas interações, o bebê mobiliza a ação do outro e é mobilizado constantemente (BORGES; SALOMÃO, 2003; CARVALHO; PEDROSA; ROSSETTI-FERREIRA, 2012; ELMÔR, 2009; GUIMARÃES, 2009b; RAMOS, 2010; TOMASELLO, 2003).

A seguir, vamos analisar o episódio “Panela II”.

Tabela 11. Episódio: Panela II

Episódio	Integrantes	Duração/Data/Vídeo
Panela II	Evelyn (11 meses); Estagiária 01; Willyane (23 meses); Caio (22 meses).	03 min 01 seg1/02/2014 M2U00007

Fonte: Elaboração própria.

DESCRIÇÃO: Evelyn está no colo da Estagiária 01 que balança um brinquedo na direção do olhar da menina. O respectivo brinquedo há pouco tempo estava sendo balançado pela garota, porém, neste determinado momento, Evelyn apenas olha para o brinquedo, mas não dirige nenhuma movimentação corporal para ele (tocar, esticar o braço, por exemplo). Após olhar por alguns instantes o brinquedo, a garota, vira-se um pouco e direciona o olhar para Willyane que brinca com duas painelinhas de brinquedo. Evelyn inclina seu corpo para o chão, buscando pegar um livro de borracha que está logo abaixo do colo da Estagiária 01. Este livro estava sendo observado por Evelyn há poucos instantes, pois a estagiária o estava mostrando a ela. Respondendo a investida da garota em ir para o chão, a Estagiária a coloca sentada ao lado do livro, aproxima o livro da menina, abre-o e logo depois começa a chacoalhar o brinquedo anteriormente balançado.

Figura 51; 52; 53. Não tenho interesse neste brinquedo.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Evelyn desvia o olhar e vira o corpo para o lado oposto ao do brinquedo; a Estagiária toca na garota, mas não retém sua atenção. Evelyn vira-se e engatinha na direção de Willyane, para, olha para Willyane, engatinha e chega bem próximo, estende o braço esquerdo até uma das painelas que Willyane tem e ao mesmo tempo olha para o seu rosto, e posteriormente afasta o braço.

Figura 54; 55; 56. Posso pegar sua panela?

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Willyane segura os brinquedos (três) e afasta-se um pouco. Coloca-os novamente no chão e toca-os. Evelyn engatinha na direção dos brinquedos, com o olhar fixo neles, esboçando um sorriso e balbuciando. Willyane recolhe novamente os brinquedos do chão, levando-os ao alto e vocalizando a palavra “não”. Evelyn acompanha com o olhar e virando o corpo an direção dada aos brinquedos.

Figura 57; 58; 59. Eu quero muito essa panela.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Willyane, desta vez, afasta-se de Evelyn, seguida de gritos de desconforto, seis vezes mais que a situação anterior. Evelyn ensaia alguns passos engatinhando, mas é interrompida por um bebê que passa correndo na sua frente. Logo após, ela escuta um choro e também desvia o olhar. Vira-se em direção ao som do choro e fica parada por uns instantes. Vira-se novamente em direção a Willyane e engatinha até ela, para, olha para lado, pois Caio aproxima-se bastante dela com uma sandália nas mãos, dirige o olhar para a sandália, mas logo direciona o olhar para os brinquedos de Willyane.

Figura 60; 61; 62. Você não pode pegar minha panela.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Willyane afasta-se novamente e derruba sem querer os brinquedos no chão. Willyane pega os brinquedos do chão e se afasta. Evelyn segue com o olhar e com corpo a direção deles. Direciona o olhar por alguns segundos, depois, vira-se, olha para um livro largado no chão, engatinha até ele, pega e o balança.

Figura 63; 64; 65. Willy, você venceu, eu desisto.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Discussão do episódio: **Panela II.**

Este episódio retoma o interesse pelos objetos que foram negociados no episódio *Panela I*, analisado na categoria comportamental *O olhar em destaque*. Como explicita o nome da ação interativa, os recursos sociocomunicativos utilizados por Evelyn serviram para expor o desejo de manusear as panelinhas de brinquedo manipuladas por Willyane. Uma colocação importante a acrescentar é que nem todo objeto manipulado predispõe o interesse dos bebês. Por exemplo, a Estagiária 01¹,

1 Denominamos por Estagiária 01 a estudante de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe que fazia uma observação participante destinada a uma atividade acadêmica.

balança um brinquedo na direção do olhar da menina, porém, a garota não esboça desejo em tê-lo, ela apenas o olha. Ela está interessada mesmo nos objetos nas mãos de Willyane, conforme seus movimentos demonstram, virando-se e olhando para a garota. A situação descrita elucida a defesa de Anjos; Amorim; Franchi e Vasconcelos e Rossetti-Ferreira (2004), quando explicam que mesmo de longe, sem fazer algo junto, a forma de agir de um bebê pode produzir mudanças no comportamento de outra criança.

Direcionando seu desejo de negociar a posse das panelas, Evelyn inclina seu corpo para o chão buscando pegar um livro de borracha que está logo abaixo do colo da Estagiária

01. O corpo da menina indicou muito mais que o desejo em ter o livro: ele indica a possibilidade de aproximar-se de Willyane. Respondendo ao recurso sociocomunicativo utilizado pela garota, a estagiária senta-a, aproxima o livro da menina, abre-o e logo depois começa a chacoalhar o brinquedo anteriormente balançado. Porém, Evelyn continua a não apresentar intenção em desenvolver atenção conjunta (TOMASELLO, 2003). Nesse sentido, a menina desvia o olhar e vira o corpo para o lado oposto ao do brinquedo. Outra vez, a estagiária tenta buscar a atenção da menina, tocando na garota, mas ela não retém sua atenção. Evelyn parece estar decidida! Ela pretende envolver-se em uma situação de negociação de objetos, pois o jeito de brincar de Willyane dissemina sua atenção. Em virtude do que foi mencionado, as trocas sociais não são guiadas apenas pelas relações adulto-criança, elas acontecem em grande potencial entre bebês e coetâneos (MARTINS FILHO, 2008).

Para dar início à negociação, Evelyn vira-se e engatinha na direção de Willyane, para, olha para a menina, engatinha e chega bem próximo, estende o braço esquerdo até uma das panelas que a garota tem ao mesmo tempo em que olha para o seu rosto e, posteriormente afasta o braço. O afastamento deu-se em razão da representação do olhar de Willyane, cujo movimento não expôs cordialidade com as ações de Evelyn.

Evelyn foi sensível ao caráter comunicativo do olhar (AMORIM; ANJOS; ROSSETTI-FERREIRA, 2012; BELINI; FERNADES, 2007; ELMÔR, 2009), recuando.

Willyane deu outras pistas de que não estava gostando da ideia de compartilhar seus brinquedos. Ela segurou os brinquedos e afastou-se um pouco. Dado o afastamento, colocou-os novamente no chão e continuou a manipulá-los. Entretanto, Evelyn não desistiu da negociação quando engatinhou de novo na direção dos brinquedos, com o olhar fixo neles, esboçando um sorriso e balbuciando. O sorriso é comumente usado pela menina como demonstração de satisfação. O balbucio aparece pela primeira e única vez no corpo dos recursos socicomunicativos de Evelyn, expostos nos episódios interativos selecionados e descritos.

Irritada com a insistência de Evelyn, Willyane recolhe novamente os brinquedos do chão, posiciona-os no alto e verbaliza a palavra *não*. Contudo, Evelyn não se retrai, acompanha com o olhar e com o corpo a direção dada aos objetos. T tamanha insistência provoca uma grande irritação em Willyane, desta vez, a menina afasta-se e vocaliza bem alto a palavra *não*, seis vezes seguida, expondo assim, tamanho desconforto.

Evelyn persiste, engatinha um pouco, mas é interrompida por um bebê que passa correndo na sua frente. Logo após, ela escuta um choro e também desvia o olhar. Vira-se em direção ao som do choro e fica parada por uns instantes. Tais ações demonstram uma resposta à insatisfação de Willyane. A irritação da menina provocou ações dispersas em Evelyn. Por alguns instantes, ela pareceu desistir da negociação de objetos. Mas retomou a cena ao vira-se novamente em direção a Willyane e engatinhar até ela. Caio também acaba dividindo a atenção de Evelyn; a menina olha para uma sandália em suas mãos, mas logo depois direciona o olhar para os brinquedos de Willyane.

Esquivando-se das intenções de Evelyn, Willyane afasta-se novamente e derruba sem querer os brinquedos no chão. A menina pega os brinquedos do chão e se afasta. Evelyn continua a atribuir interesse nos objetos, pois os segue com o olhar e com o corpo. No entanto, após tan-

to insistir, entrega os pontos. A garota investe o foco em outro objeto, vira-se, olha para um livro largado no chão, engatinha até ele, pega e o balança.

Com base na postura corporal de Evelyn, entende-se que é muito mais interessante para ela, negociar objetos que produzem interesses mútuos por conta do desafio e do teor interativo que a negociação atribui. Nesse sentido, ao invés de aceitar os objetos doados pela estagiária, Evelyn explicita por meio da sua linguagem corporal que não está disposta a interagir com ela, pois possui um objetivo específico: manipular os objetos que Willyane têm. Para isso, a garota dispõe de inúmeros recursos sociocomunicacionais.

Em seguida será apresentado o episódio “A bola”.

Tabela 12. Episódio: A bola

Episódio	Integrantes	Duração/Data/Vídeo
A bola	Evelyn (11 meses); Janaína (18 meses); Bárbara (11 meses); Ruan (22 meses); Matheus (17 meses).	01 min 02 seg 20/02/2014 M2U00013

Fonte: Elaboração própria.

DESCRIÇÃO: Evelyn está em pé, apoiada em uma cadeira, com os dois braços estendidos sobre ela. Janaína está ao seu lado. De repente, Evelyn olha para o lado, abaixa-se e engatinha em direção a uma bola, seguida por Bárbara. Bárbara, Evelyn e Janaína, olham para a bola. Evelyn estende o braço e pega a bola.

Figura 66; 67; 68. Uma bola surgiu.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Logo depois, Bárbara, apoia um dos braços na cadeira, fica de joelhos e estende o outro braço. Janaína levanta a perna, como se quisesse impedi-la de retirar a bola da mão de Evelyn. Evelyn olha para Bárbara e depois para o pé de Janaína. Bárbara recolhe o braço e abaixa-se. Bárbara engatinha até Evelyn. Janaína estende o braço até a cabeça de Bárbara, tentando afastá-la, mas a menina continua. Evelyn entrega a bola à garota.

Figura 69; 70; 71. Solta a bola agora!

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Após entregar a bola, Evelyn sai. Bárbara coloca a bola na boca e fica mordendo-a. Janaína segue Evelyn e balbucia algo. Evelyn para e olha para o lado em direção a Bárbara.

Janaína que estava ao lado de Evelyn, dirige-se até Bárbara, Evelyn, continua a olhar para Bárbara. Janaína bate na cabeça de Bárbara, o baque a faz derrubar a bola.

Figura 72; 73; 74. Espere, não desista!

Fonte: Acervo da pesquisadora.

A bola rola pelo chão na direção favorável a Evelyn. Bárbara e Evelyn acompanham o percurso da bola com o olhar. A bola passa por Evelyn. Bárbara engatinha em busca da bola, ao perceber a movimentação de Bárbara, Evelyn também engatinha. Quando as duas chegam bem próximo à bola, Evelyn dá um grito; Bárbara continua e pega a bola. Evelyn olha para o brinquedo na mão de Bárbara. Janaína começa a correr em círculos ao redor das meninas. Durante a corrida, ela para e dar um tapa na cabeça de Bárbara. Logo após, Bárbara solta a bola e aproxima-se de Evelyn, puxando sua camisa, Evelyn vira-se para Bárbara e mantém o olhar direcionado para a bola que está novamente nas mãos de Bárbara. Logo depois, a bola rola e Bárbara perde o equilíbrio.

Figura 75; 76; 77. Voltei a querer a bola.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 78; 79; 80. Bárbara conseguiu a bola.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

A bola vai parar nas mãos de Ruan. O menino pega a bola, vocaliza algo e joga-a. Evelyn e Bárbara olham para a bola e engatinham até ela. Janaína também tenta pegá-la, mas quem consegue é Bárbara. Evelyn olha para a bola na mão de Bárbara, vira o corpo, dando as costas e sai engatinhando.

Figura 81; 82; 83. Seguindo a bola.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Janaína aproxima-se de Bárbara, bate na cabeça da menina e ela solta a bola. Evelyn vira para o lado e olha para a bola rolando. Janaína abaixa-se e pega a bola. Bárbara e Evelyn olham para a mão de Janaína. Bárbara acompanha com o olhar, virando o rosto os movimentos de Janaína. Janaína olha para o rosto de Bárbara e joga a bola. Evelyn e Bárbara viram-se e olham para a bola. Bárbara segue a bola engatinhando. Evelyn, não segue a bola, engatinha até um berço e põe-se de pé. Bárbara passa por debaixo do berço atrás da bola, Janaína e Matheus também. Matheus consegue pegar a bola. Bárbara olha para ele, o menino sai correndo com a bola na mão. Bárbara apoia-se na cadeira e fica de pé, começa a bater nela.

Figura 84; 85; 86. Mateus entrou na cena.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 87; 88; 89. A empolgante busca.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Discussão do episódio: A bola

O episódio interativo descrito representa mais uma interação começada e sustentada pela vontade de ter em mãos um objeto manipulado por outrem, neste caso, uma bola. Assim como no episódio *Explorando as bolsas*, os bebês focais do nosso estudo compartilham entre si uma gama de recursos sociocomunicativos. De início, Evelyn interage com Janaína. As duas meninas compartilham a mesma ação, estão em pé, com os dois braços sob uma cadeira. De repente, Evelyn nota que uma bola segue curso em sua direção, a menina acompanha com o olhar o trajeto da bola, abaixa-se e engatinha na direção tomada pela bola. O brinquedo é seguido por Bárbara. As três garotas olham para a bola. Evelyn estende o braço e pega o objeto. Os movimentos das meninas expressam que a bola agora é desejo comum. Evelyn, por exemplo, dispôs de uma rica comunicação corporal para exprimir seu desejo (BORGES; SALOMÃO, 2003; CARVALHO; PEDROSA; ROSSETTI-FERREIRA, 2012; ELMÔR, 2009; GUIMARÃES, 2009b; RAMOS, 2010; TOMASELLO, 2003).

Com a bola nas mãos de Evelyn, Bárbara baseia-se no potencial da sua linguagem corporal para conseguir pegá-la. Bem como no episódio *Explorando as bolsas*, a menina fica em uma altura maior que a de Evelyn ao se ajoelhar. A ação pode ser interpretada como uma tentativa de provocar o recuo de Evelyn. Porém, Janaína levanta a perna, como se quisesse impedir Bárbara de retirar a bola da mão de Evelyn. Portanto, a menina defende Evelyn, pois devido ao compartilhamento anterior de ações, parece atribuir para si à responsabilidade de cuidar da garota. Nesse

momento, Evelyn, acompanha com o olhar a ação de Janaína e a reação de Bárbara. Bárbara atende ao comando de Janaína, recolhendo seu braço e abaixando-se. No entanto, a garota não desiste de ter a posse da bola: ela engatinha até Evelyn, mas novamente tenta ser interrompida por Janaína que estende o braço até a cabeça de Bárbara, tentando afastá-la, mas a menina continua. Evelyn, sensível às investidas de Bárbara, entrega a bola à garota.

Após entregar a bola, Evelyn sai. Parecendo desistir de continuar a negociação. Bárbara aproveita para explorar a bola livremente, colocando-a na boca e mordendo-a. Janaína não se conforma com a desistência de Evelyn: ela a segue e balbucia algo, como se quisesse dizer *Volte! Vamos conseguir esta bola*. Evelyn parece retornar aos poucos para o processo interativo: a garota para de engatinhar e olha em direção a Bárbara. Janaína, que estava ao lado de Evelyn, vai até Bárbara e bate na cabeça da garota; a pancada a faz derrubar a bola. Evelyn acompanha tudo com o olhar. Os movimentos de Janaína parecem expressar a enorme vontade de ver Evelyn manipulando a bola.

Bárbara e Evelyn direcionam os olhares para o percurso da bola. Bárbara engatinha, explicitando, assim, que as ações de Janaína não foram o bastante para fazê-la desistir de ter a bola em mãos. Os movimentos de Bárbara afloram o desejo de Evelyn em manipular o objeto. Nesse sentido, Evelyn também engatinha na direção da bola. Quando as duas chegam bem próximo à bola, Evelyn dá um grito, como se quisesse influenciar a futura ação de Bárbara: pegar a bola. Após a falha, a menina olha para o brinquedo na mão de Bárbara. Janaína, por sua vez, já arquitetou uma estratégia para impedir de novo a posse da bola por Bárbara: a menina começa a correr em círculos ao redor de Bárbara e Evelyn. Durante a corrida, ela para e bate outra vez na cabeça de Bárbara. Logo após, influenciada pelas ações de Janaína, Bárbara parece querer doar a bola para Evelyn; ela deixa a bola solta no chão e puxa a camisa de Evelyn, como se quisesse comunicar que o brinquedo estava à sua disposição. Evelyn responde ao chamado da garota, virando-se e

direcionando o olhar para a bola. Porém, a bola encontra-se embaixo da mão de Bárbara. Logo depois, a bola rola e Bárbara perde o equilíbrio.

A incompletude motora de Bárbara fez com que a bola rolasse. Ao rolar, a bola mobilizou as ações de outro bebê: Ruan. O garoto entrou no episódio interativo porque a bola foi parar em suas mãos. O menino pega a bola, vocaliza algo e joga-a. Os recursos comunicativos utilizados por Ruan dialogam com a situação interativa vivenciada pelas meninas. O garoto influencia a continuação da mesma. Evelyn e Bárbara atendem ao pedido do menino, as garotas olham em direção a bola, engatinham até ela. Janaína também tenta pegá-la, mas quem consegue é Bárbara. Evelyn olha para a bola na mão de Bárbara, vira o corpo e sai engatinhando. A garota parece desistir.

Nesse sentido, a coordenação motora desajeitada não deve ser encarada como um empecilho. O jeito de agir dos bebês expõem as características de uma etapa específica da sua vida. Os acasos proporcionados pela motricidade em desenvolvimento proporcionam encontros com o novo e com outro contexto social (VASCONCELOS; AMORIM; ANJOS, 2003).

Janaína, pela terceira vez utiliza-se da mesma estratégia para fazer com que Bárbara solte a bola: ela tapeia a cabeça da menina. Bárbara, como nas vezes anteriores, solta o brinquedo. Evelyn volta a interessar-se de novo pelo objeto, ela vira para o lado e olha para a bola rolando. Desta vez, Janaína abaixa-se e pega a bola. Bárbara e Evelyn olham para a mão de Janaína. Janaína olha para o rosto de Bárbara e joga a bola. A ação de Janaína sofreu mudanças: a garota foi influenciada pelos movimentos de Ruan. Diferentemente do seu objetivo inicial de proporcionar a posse da bola à Evelyn, agora a garota entusiasma-se em provocar a disputa do objeto. Bárbara e Evelyn viram-se e olham para a bola. Bárbara segue a bola engatinhando. Evelyn desiste de tê-la, afinal, sua parceira - Janaína -, não mais estava disposta a ajudá-la. Logo, a menina engatinha até um berço e põe-se de pé. Bárbara mantém sua postura ativa e insistente: ela vai ao encontro da bola, passando por baixo de um

dos berços. Janaína e Matheus também seguem o mesmo percurso. Matheus, participante novo da situação interativa, sentiu-se motivado em participar da brincadeira. Ele consegue pegar a bola. Bárbara olha para garoto, o menino sai correndo com a bola na mão. Bárbara encerra a disputa, seu corpo expressa tal desistência quando a menina apoia-se e fica de pé na cadeira que Evelyn e Janaína se encontravam no princípio do episódio.

Dando prosseguimento, iremos analisar o episódio “Eu quero esse brinquedo”.

Tabela 13. Episódio: Eu quero esse brinquedo

Episódio	Integrantes	Duração/Data/Vídeo
Eu quero esse brinquedo	Bárbara (11 meses); Ruan (22 meses).	01 min 46 seg20/02/2014 M2U00015

Fonte: Elaboração própria.

DESCRIÇÃO: Bárbara e Ruan estão nos emborrachados. Bárbara está sentada segurando um livro de borracha e Ruan está ao seu lado com um boneco na boca. Ruan inclina seu corpo um pouco para baixo e balbucia algo. Ao abrir a boca, ele deixa cair o brinquedo que estava dentro dela. Bárbara olha para o objeto, estende o braço e pega-o. Dirige o brinquedo próximo ao rosto e foca o olhar nele, tenta levá-lo até a boca, mas é interrompida por Ruan que estende o braço para tomá-lo. Bárbara olha para Ruan e começa a mexer o braço de um lado a outro, tentando impedi-lo de pegar o brinquedo.

Figura 90; 91; 92. Eu quero esse brinquedo.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Ruan toma o brinquedo das mãos de Bárbara. Ela estende o braço e olha para o rosto dele, cujo objeto encontra-se em sua boca. Bárbara engatinha até ele, levanta o braço, logo depois, Ruan deixa cair o brinquedo, a menina olha para baixo. Ruan larga o brinquedo ao lado da garota, ela olha para ele, pega-o e o leva até a boca. Bárbara repete a ação feita por Ruan, colocando o brinquedo na boca. Ruan oferece-lhe um chocalho que havia colocado na boca há poucos instantes. A menina pega o chocalho e leva-o até a boca. Logo depois, solta-o e volta a colocar o brinquedo disputado entre ela e Ruan na boca. Bárbara olha para frente e ver um grupo de crianças ao redor da Educadora 01. Em seguida, ela engatinha até lá com o brinquedo na boca. Ruan fica nos emborrachados.

Figura 93; 94; 95. Eu te imito



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Discussão do episódio: Eu quero esse brinquedo

O episódio interativo acima ocorreu no mesmo dia que a situação interativa anterior. Muitas das ações que guiam o processo interativo entre Ruan e Bárbara são geradas porque o garoto prestou atenção nos comportamentos da menina. O menino parece saber que a garota gosta de compartilhar situações de negociação de objetos; ela possui inúmeras estratégias para alcançar seu objetivo e não costuma desistir fácil dele.

A interação tem início com a aproximação corporal de Ruan em direção a Bárbara, seguida de um balbúcio. Quando abre a boca, o garoto deixa cair um brinquedo, a garota expõe interesse em manipulá-lo, quando direciona o olhar para o objeto, estende o braço e o pega. Dando sequência aos gestos investigativos, a menina dirige o brinquedo até a

altura do seu rosto e focaliza o olhar sobre ele, decide, então, explorá-lo com a boca, mas Ruan interrompe sua tentativa ao estender o braço para tomar o brinquedo. Porém, assim como no episódio anterior, Bárbara não recua fácil diante de seus objetivos: a garota olha para Ruan e começa a movimentar o braço de um lado a outro, na tentativa de impedi-lo de pegar o objeto.

No entanto, Ruan consegue tomar o brinquedo das mãos de Bárbara e o coloca na boca. A menina continua a expor seu desejo de tê-lo por meio de recursos sociocomunicativos corporais. Ela estende o braço, tentando pegá-lo e olha para o rosto do menino. A garota engatinha e levanta o braço. Logo depois, Ruan, sofrendo influências das ações da menina, deixa cair o brinquedo, ocasião em que a garota olha para baixo. O menino começa a atender o desejo de Bárbara: ele larga o brinquedo ao lado da garota. A menina olha para o garoto, como se procurasse averiguar se o olhar dele denotava uma entrega sincera. Em seguida, a garota pega o objeto e o leva até a boca. Bárbara passa a repetir os movimentos exploradores de Ruan. O ser humano vive em constante imitação daquilo que o agrada. A imitação permite que as crianças expressem quais ações dos outros são interessantes para elas. Imitar não é transcrever ações iguais, mas sim basear-se no agir do outro para construir sua própria ação, regada de especificidades (GUIMARÃES, 2009; RAMOS, 2010).

O episódio segue, desta vez, o garoto põe um chocalho na boca. Logo depois, oferece o brinquedo à menina. Bárbara o aceita e também o leva até a boca. Em seguida, larga-o e volta a pôr o brinquedo negociado entre ela e Ruan. De repente, Bárbara olha para frente e ver um grupo de crianças ao redor da Educadora 01: ela engatinha até lá com o brinquedo na boca. Ruan fica nos emborrachados. Nesse sentido, o episódio encerra-se com o afastamento da garota.

Assim como os demais episódios, as ações interativas começam e são delineadas pelo convite e aceitação expostos pela linguagem não verbal. O corpo comunica o entusiasmo e a desistência de um processo

interativo. Nessa fase da vida, é ele o grande responsável por explicitar os interesses, necessidades e motivações dos bebês, confirmando estudos que defendem tais argumentos (BORGES; SALOMÃO, 2003; CARVALHO; PEDROSA; ROSSETTI-FERREIRA, 2012; ELMÔR, 2009; GUIMARÃES, 2009b; RAMOS, 2010; VYGOTSKY, 2008).

Agora iremos observar o último episódio cuja interação social mais uma vez dar-se-à em razão da negociação de objetos.

Tabela 14. Episódio: Os três chocalhos.

Episódio	Integrantes	Duração/Data/Vídeo
Os três chocalhos	Bárbara (11 meses); Ruan (22 meses).	02 min 18 seg20/02/2014 M2U00016

Fonte: Elaboração própria.

DESCRIÇÃO: Bárbara está sentada no chão com um livro de borracha na mão, olhando para Ruan vindo em sua direção com um brinquedo sob a sua cabeça. Quando o menino passa pela sua frente, a menina balança o livro, tentando tocar. A garota vira o corpo em direção a Ruan e acompanha com o olhar os seus movimentos. Ao passar por Bárbara, Ruan retorna rapidamente; ele possui dois chocalhos no alto da cabeça. Bárbara engatinha na direção de Ruan, balbucia algo, estende o braço e puxa sua camisa. Ruan olha para ela e a menina também olha para o rosto dele. Ruan estende o braço e entrega um dos chocalhos a Bárbara; a garota estende seu braço e tenta pegá-lo, mas Ruan o derruba no chão. Bárbara olha para o chocalho no chão e estende o braço para pegá-lo. Neste momento, Ruan estende o braço novamente e oferece o outro chocalho; Bárbara pega. A garota o balança.

Figura 96; 97; 98. Eu quero esses chocalhos.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Ruan pega o outro chocalho que estava no chão e coloca-o sobre a visão de Bárbara; a menina olha para o chocalho, larga o que estava em mãos e pega o que Ruan lhe oferece.

Ruan pega dois chocalhos que estavam no chão, encosta-se na parede e começa a balançá-los. Bárbara olha para ele, engatinha, estende o braço direito para pegar o chocalho da mão esquerda de Ruan e depois estende o braço esquerdo para pegar o chocalho da mão direita do menino. Pega o chocalho da mão direita de Ruan.

Figura 99; 100; 101. Negocio o objeto com o corpo.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O garoto balança o chocalho que restou em uma de suas mãos, Bárbara dirige o olhar para ele, estende o braço, toca-o. Ruan deixa o chocalho cair propositalmente; a menina pega-o e repete o movimento de balançar os dois brinquedos feito por Ruan. Ruan pega o outro chocalho que está no chão.

Figura 102; 103; 104. A negociação continua.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Bárbara põe na boca um dos chocalhos e solta o outro. Ruan estende o braço e pega-o. Em seguida, deixa-o de lado e tenta pegar o que está nas mãos de Bárbara. O menino estende o braço na busca de pegar o brinquedo de Bárbara; ela afasta o braço; o menino insiste e consegue pegá-lo; Bárbara dar um grito neste momento.

Figura 105; 106; 107. Vou pegar estes chocalhos.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

A menina estende os braços tentando pegar o chocalho; Ruan derriba um e ela o pega, balança-o; Ruan tenta pegá-lo, mas não consegue; ele, então, joga um dos chocalhos longe, demonstrando irritação. Bárbara se distrai com o barulho do chocalho ao cair no chão e Ruan aproveitou para pegar o chocalho que está nas mãos da garota.

Figura 108; 109; 110. Pega lá o chocalho.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

A menina estende o braço e tenta pegá-lo, mas ele a distrai novamente, jogando um dos chocalhos para o lado. Bárbara olha para o chocalho que foi arremessado, mas logo volta a olhar para o único chocalho que está na mão de Ruan; ela estende seu braço para pegá-lo; Ruan se afasta, pega um brinquedo, joga-o no chão para Bárbara; a menina o pega e começa a balançá-lo. Ruan fica sentado em sua frente com o chocalho. Bárbara olha para ele rapidamente, mas logo vira o corpo, dando as costas e sai engatinhando em direção a Educadora 04 que estava em frente à televisão. Ruan joga o chocalho para o lado e também deixa o lugar onde estava.

Figura 111; 112; 113. Não vou te dar o chocalho.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Discussão do episódio: Os três chocalhos

Encerramos esta categoria com a análise de um episódio interativo riquíssimo em recursos sociocomunicativos. O episódio interativo em destaque é protagonizado outra vez por Bárbara e Ruan. A ação interativa aconteceu na mesma manhã do episódio anterior, conforma já anunciamos. Novamente, a interação tem início com a aproximação

do garoto. A predisposição social do menino em desenvolver interações com Bárbara explicita que os bebês desde muito cedo expõem suas preferências por determinados parceiros (CARVALHO; PEDROSA; ROSSETTI-FERREIRA, 2012).

No processo interativo desenvolvido entre Bárbara e Ruan, a atenção volta-se para a relação do menino com os objetos que possui. Os chocalhos chamam a atenção da menina porque são manipulados pelo garoto: por exemplo, a menina estava manuseando um livro, mas decide mudar o foco da sua atenção. Nessa linha de raciocínio, Amorim; Anjos; Rossetti-Ferreira (2012) esclarece que muitas vezes “as crianças têm a atenção e o interesse direcionados ao objeto que a outra criança manipula.”.

Ruan, possivelmente sabendo da grande disposição de Bárbara para trocas sociais, parece realizar movimentos propositais com os dois chocalhos com intuito de iniciar uma interação. O garoto foi correspondido quando ainda encontrava-se distante, pois ele já havia provocado reações em Bárbara que manifestavam o aceite à interação por ele iniciada. A menina estava concentrada olhando-o se aproximar. Ruan passa direto, mas logo depois retoma e justifica nossa compreensão de que seus movimentos tinham um propósito específico: interagir com Bárbara. A menina expressa sua disposição à interação fortemente quando engatinha, balbucia, estende o braço, puxa a camisa do garoto. Em questão de segundos, a garota já havia expressado um rico vocabulário corporal e vocal. Sua postura ativa revelava o desejo em ter o direito de compartilhar os chocalhos.

Seu desejo foi atendido pelo garoto. Ruan entrega um dos chocalhos a Bárbara. A menina passa a balançá-lo. Se o que estivesse em jogo fosse somente à posse de um dos objetos, Bárbara estaria satisfeita, mas como explicita muito bem o episódio, o objeto só tem sentido por causa dos movimentos provocados pelo outro ao manipulá-lo. Por exemplo, Bárbara já estava explorando um dos chocalhos, mas ao ver Ruan movimentando outro chocalho no ângulo da sua visão, o objeto que ele

explorava perdeu sua relevância: agora ela quer o que está nas mãos do garoto. Suas intenções em ter o objeto são expostas por meio do olhar, por deixar cair o objeto que a pouco manipulava e por pegar o objeto oferecido por Ruan.

Prosseguindo a ação interativa, Bárbara novamente é guiada pelos movimentos de Ruan, pois o garoto balança dois chocalhos, fazendo, desta forma, emergir a vontade de manipular os objetos também. A menina utiliza-se de alguns recursos sociocomunicativos para expor sua intenção, ela engatinha, estende os braços, primeiro o direito, depois o esquerdo, até que consegue pegá-lo. Ruan continua a balançar o chocalho que restou em suas mãos, a garota também deseja tê-lo, ela dirige o olhar para o objeto, estende o braço, chega a tocá-lo. O garoto contribui com o objetivo da menina, deixa o brinquedo cair propositalmente. A menina pega o chocalho e começa a imitar as ações de Ruan ao chacoalhar os objetos.

O episódio interativo continua com a repetição das ações relatadas. Ruan tenta o tempo todo “roubar” a atenção de Bárbara ao manipular um objeto; a menina responde as investidas sociais do garoto: ela mostra-se atraída pela movimentação dada ao objeto pelo menino a ponto de não mais valorizar um objeto que até pouco tempo era relevante. Portanto, a garota tenta o tempo todo pegar os chocalhos de Ruan, mas eles não são atrativos sozinhos, os movimentos orquestrados por Ruan é que tornam tais objetos atrativos.

A menina expõe um rico potencial sociocomunicativo durante o processo de negociação: olhar, balançar, virar o corpo, tocar, engatinhar, balbuciar, estender o braço, puxar, pegar, afastar o braço e gritar compõe o rico repertório comunicativo da garota.

Como todos os episódios desta categoria, o que motiva a interação é o interesse em negociar um objeto que outrem manipula. No desenrolar da negociação, os sujeitos do nosso estudo – Bárbara e Evelyn –, usam diversos recursos sociocomunicativos. Os movimentos corporais das garotas demonstram suas estratégias para conseguir a posse do ob-

jeto. Porém, não se trata de apenas disputar o objeto em si, o que está em destaque nessas interações é a forma como aquele objeto tornou-se significativo devido à ação do outro sobre ele (AMORIM; ANJOS; ROSSETTI-FERREIRA, 2012).

3.3.3 Movimentos que expressam intenções

Esta categoria, assim como a anterior expressa intenções a partir do movimento corporal. Porém, difere-se no seguinte quesito: não se trata de ações entre bebês. O processo interativo é entre bebê-educadora.

Tabela 15. Episódio: Quero melancia.

Episódio	Integrantes	Duração/Data/Vídeo
Quero melancia	Bárbara (11 meses); Educadora 01; Educadora 02.	01 min 27 seg11/02/2014 MU200008

Fonte: Elaboração própria

DESCRIÇÃO: Todos os bebês do berçário estão no chão junto com as educadoras comendo melancia. Barbara olha para a bandeja onde estão os pedaços de melancia, apoia seu braço sobre a perna da Educadora 01 que está com uma bandeja, faz esforço e fica de pé, direciona o olhar para a bandeja onde estão os pedaços de melancia desequilibra-se e cai. É puxada pela Educadora 02 para o lado; esta foi uma tentativa de retirar a menina da frente da Educadora 01, mas Bárbara faz esforço para voltar ao lugar que estava: inclinando seu corpo para o chão e ensaiando alguns movimentos de engatinhar.

Figura 114; 115; 116. Eu pego a melancia.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A Educadora 02, na tentativa de conter Bárbara, pega um pedaço de melancia e o dirige a boca da menina, pronunciando: “Tome, meu amor.” Porém, Bárbara parece não demonstrar interesse pelo pedaço de melancia na mão da educadora; ela continua olhando para a bandeja que a Educadora 01 segura. Apoia-se de novo na perna da Educadora 01 e fica de pé. Olha para a bandeja que estão os pedaços de melancia. A Educadora 02 dirige um pedaço de melancia para boca de Bárbara, senta a menina de costas para a Educadora 02. Bárbara fica quieta, comendo a melancia.

Figura 117; 118; 119. Deixe-me ir busca a melancia.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

• **Discussão do episódio: Quero melancia**

O episódio em destaque mostra os recursos sociocomunicativos de Bárbara durante uma atividade que compõe a rotina do berçário: a alimentação. É interessante destacar que o momento é propício ao desenvolvimento de interações e concomitantemente a exposição de intenções sociocomunicativas. A atividade pode proporcionar tam-

bém um momento rico no desenvolvimento da linguagem dos bebês, pois concentra a atenção de todos. Porém, as educadoras pouco exploram as oportunidades de aprendizagens e práticas interativas com as crianças que podem surgir. Nesse sentido, suas práticas vão de encontro às recomendações das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2009), já que raramente interagem oralmente com as crianças.

Se por um lado faltam palavras orais por parte das educadoras, por outro, Bárbara esbanja comunicação, expressa em seus movimentos corporais. Para expor sua intenção em aproximar-se da bandeja, cujos pedaços de melancia estão, a garota utiliza diversos recursos sociocomunicativos: ela olha para a bandeja onde estão os pedaços de melancia, apoia seu braço sobre a perna da educadora 01 e fica em pé. Porém, sua tentativa de aproximação é confrontada pela Educadora 02, ela distancia a garota do alvo de seus interesses. A educadora inibe os movimentos da menina porque a aproximação possivelmente provoca perigo, visto que a Educadora 01 está com uma faca para cortar os pedaços de melancia.

No entanto, a menina não costuma desistir fácil de atuar socialmente e nos revelar suas intenções: apesar do afastamento, ela esforça-se para retornar ao foco de interesse; esse retorno é indicado pela inclinação do seu corpo em direção ao chão e por movimentos de engatinhar.

Entretanto, novamente a Educadora 02 tenta interromper os movimentos da garota, direcionando um pedaço de melancia até a boca da menina e dizendo: *Tome, meu amor*. Porém, Bárbara parece não demonstrar interesse pelo pedaço de melancia na mão da educadora, ela quer mesmo é se aproximar da bandeja sob as pernas da Educadora 01. A garota demonstra o desejo pelo direcionamento do olhar e por apoiar-se de novo na perna da educadora e ficar em pé. Pela terceira e última vez a educadora afasta a menina. Bárbara não retoma o foco interativo e o episódio chega ao fim.

3.3.4 Um choro que comunica a emoção

Esta categoria destaca a expressão de emoções expostas pelo choro. O choro é recurso comunicacional em potencial.

Tabela 16. Episódio: Pula-pula

Episódio	Integrantes	Duração/Data/Vídeo
Pula-pula	Evelyn (11 meses); Antônia (23 meses); Janaína (18 meses); Educadora 05.	01 min 47 seg 20/02/2014 M2U00016

Fonte: Elaboração própria.

DESCRIÇÃO: Evelyn está sentada no chão segurando uma panela de brinquedo. A Educadora 03 convida as crianças para dançar a música “Pula-pula”. Evelyn começa a balançar-se de um lado para outro. A menina ao mesmo tempo em que dança, sorri com a boca aberta e olha para a televisão. Antônia está na frente de Evelyn dançando, ela desequilibra-se e cai, olha para trás. Evelyn olha para Antônia, vira o corpo e engatinha para o lado, para e senta-se. Antônia se levanta e volta a dançar.

Figura 120; 121; 122. Vamos dançar!



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Janaína aproxima-se de Evelyn e começa a mexer no cabelo da menina. A garota começa a choramingar. Segundos depois, olha para a câmera e para o choro. Janaína abaixa a cabeça, toca no braço de Evelyn. Evelyn fica parada com o dedo na boca.

Figura 123; 124; 125. Deixe-me quieta.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A Educadora 05 aproxima-se de das duas meninas, pega Evelyn pelos braços e a distancia de Janaína, levando-a para os emborrachados, entrega um urso para a menina e sai. Evelyn fica manipulando o objeto.

Figura 126; 127; 128. Vou te tirar daqui



Fonte: Acervo da pesquisadora.

• Discussão do episódio: “Pula-pula”

O último episódio dos nossos resultados e discussões destaca o papel do choro como forma de expressar emoções; ele é elemento destaque na comunicação dos bebês.

O episódio tem início com o convite feito pela Educadora 03 aos bebês para dançar. Evelyn demonstra em seus movimentos ter atendido ao pedido: a garota balança-se de um lado para outro. A menina mostra-se bastante entusiasmada com a atividade, seu sorriso e o olhar direcionado à televisão explicita tal conclusão. Sua empolgação é barrada por Antônia ao cair próximo a Evelyn. Como se quisesse impedir um acidente, a menina se afasta, engatinhando.

Ao se afastar, Janaína se aproxima da menina e toca em seus cabelos. Evelyn expõe por meio do choro sua insatisfação. O choro da

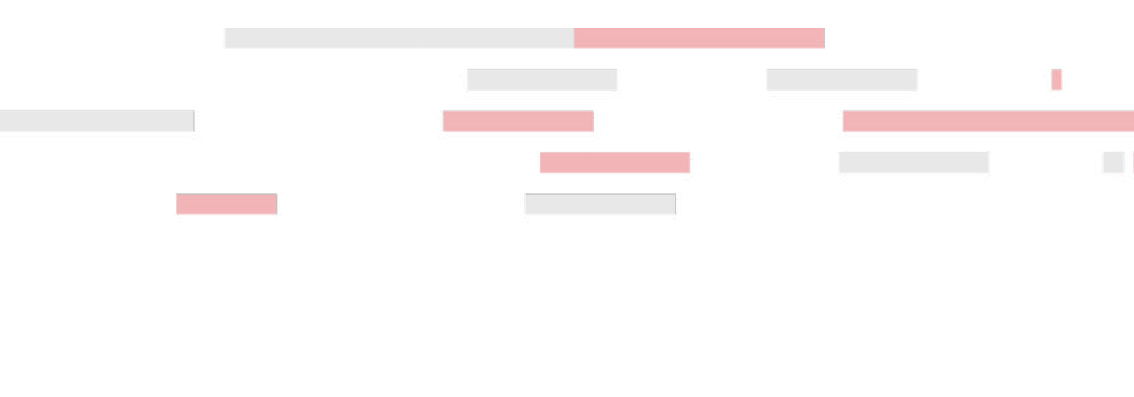
menina também pode ter sido motivado pela lembrança das ações de Janaína no episódio interativo *A bola*, desenvolvido minutos antes, no qual a garota batia constantemente na cabeça de Bárbara. Durante o choro, a garota olha para câmera, em direção à pesquisadora como se quisesse estabelecer um ponto de apoio capaz de acolher sua expressão emocional (AMORIM; ANJOS; ROSSETTI-FERREIRA, 2012; BELINI; FERNADES, 2007). Janaína mostra-se sensível à insatisfação de Evelyn quando abaixa a cabeça, toca com a mão no braço da menina, parecendo consolá-la. Os movimentos da garota são afetuosos e transmitem segurança, pois logo depois Evelyn se acalma. No entanto, a educadora 05 distancia as meninas e interrompe a interação.

Destacamos o reconhecimento do choro como expressão da linguagem. O choro é encarado nesse estudo como um tradutor de conhecimentos relevantes sobre as necessidades dos bebês. Por seu caráter emotivo, o choro mobiliza os adultos a atenderem as expectativas dos bebês (SEIDL-DE-MOURA; RIBAS, 2012).

Portanto, o choro, expressão da emoção, é responsável por comunicar algo que perturba a menina, pois lhe causa desconforto emocional. Nesse sentido, Galvão (2012) fortalece nossa afirmação quando diz que “a emoção nutre-se do efeito que causa no outro, isto é, as reações que as emoções suscitam no ambiente funcionam como uma espécie de combustível para sua manifestação” (p. 64).

CONSIDERAÇÕES FINAIS





Os dados apresentados expõem o potencial sociocomunicativo dos bebês. Foram inúmeras as estratégias de comunicação usadas por eles. Ganham destaque nas observações o direcionamento do olhar e a grande abundância de recursos comunicativos corporais. Nesse sentido, cada criança é dotada de uma gama de competências sociais ajustadas a sua fase de desenvolvimento. Cabe ao adulto educador o conhecimento necessário para compreendê-la em suas especificidades, enxergando-a com um olhar sensível a ponto de compreender as suas potencialidades e não os seus limites.

O olhar foi o recurso sociocomunicativo mais utilizado pelos bebês focais do nosso estudo. Ele foi o grande revelador de interesses, tornou-se responsável por iniciar interações, sustentá-las e também por terminá-las. Evelyn, por exemplo, apoiou-se no potencial interativo do olhar cinquenta e oito vezes. Bárbara, por sua vez, baseou-se na comunicação expressa por olhares trinta e nove vezes.

Além do olhar, evidenciamos a representação corporal como expressão da linguagem dos bebês. Mesmo sem uma fala articulada em palavras, os bebês dialogaram bastante. Suas ideias e intenções foram expostas por meio de seus movimentos. Várias vezes o corpo expôs interesses, negociações, entusiasmos, incômodos, desistências e uma infinidade de tantas outras coisas.

As interações entre a díade bebê-educadoras foram quase inexistentes. Uma explicação para esse fato refere-se ao posicionamento educacional das mesmas. Observamos poucas práticas pedagógicas que

contribuíssem para o desenvolvimento da linguagem dos bebês. Foram poucos os diálogos estabelecidos. Muitas vezes o “não” fazia-se presente. As educadoras interrompiam constantemente as ações dos bebês com o uso da referida palavra. Outra forma de abordagem bastante comum era impedir ou retirar a criança de um determinado contexto sem informá-la oralmente o porquê da ação. Portanto, há carência de organizar práticas pedagógicas voltadas para o incentivo ao desenvolvimento da linguagem das crianças.

Com base no exposto, acreditamos que algumas mudanças são necessárias, visto que estudar os processos interativos dos bebês reflete um engajamento no reconhecimento das capacidades desses pequenos seres, mas também representa um olhar atento à organização de propostas pedagógicas ajustadas a ampliação do potencial comunicativo dos mesmos. Nessa trilha de proposições, acreditamos que as educadoras precisam desenvolver diálogos com as crianças, olhando-as nos olhos; incorporar práticas de leituras à rotina do berçário, reduzir o uso da televisão e do DVD, interagir e cantar músicas com as crianças diariamente. Conversar com os bebês durante a alimentação, banho, troca de roupas e situações que lhes sejam socialmente significativas.

Já as interações entre bebês renderam a maior parte dos episódios interativos. Isso demonstra a disposição para trocas sociais entre coetâneos desde muito cedo. A maioria das interações aconteceu devido à atração por objetos que outra criança manipulava. Sendo assim, a todo o momento os bebês estavam iniciando e compartilhando situações de negociação de objetos.

As relações sociais estabelecidas entre bebês no interior da creche pesquisada esclarecem o potencial sociocomunicativo que eles possuem desde o nascimento. Os movimentos, olhares, gestos, balbucios, sorrisos, gritos, choros são percebidos e interpretados por seus parceiros. Diferentemente da grande maioria dos adultos, os bebês mostram-se bastante atentos ao que o outro comunica. Sua capacidade de percepção das investidas sociais do parceiro de idade é surpreendentemente incrí-

vel. Atentar-se para os movimentos sociais dos companheiros de idade denota abertura social para vivenciar novas experiências interativas.

Encerramos este trabalho enfatizando as capacidades sociocomunicativas dos bebês. Em virtude deste reconhecimento alçado dos dados empíricos apreendidos e de toda discussão teórica até aqui apresentada, chamamos a atenção para os incríveis seres humanos que os bebês são desde a mais terna idade. Como expressa muito bem a seção inicial deste trabalho, eles se comunicam muito, as interações entre adultos e/ou iguais crescem de forma complexa ao longo dos dias, meses, anos. Os bebês são potencialmente sociocomunicativos.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Adriana Mara dos; AMORIM, Katia de Souza; FRANCHI E VASCONCELOS, Cleido Roberto; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Interações de bebês em creche. **Estud. psicol.** (Natal) [online]. 2004, vol.9, n.3, pp. 513-522. ISSN 1413-294X.

AMATO, Cibelle Albuquerque de la Higuera; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. Aspectos funcionais da comunicação: estudo longitudinal dos primeiros três anos de vida. **J Soc Bras Fonoaudiol.** 2011; 23 (3): 277-80.

AMORIM, Kátia de Souza; ANJOS, Adriana Mara dos; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Processos Interativos de Bebês em Creche. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 25 (2), 2012, 378-389.

AMORIM, Katia de Souza; VITORIA, Telma; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Rede de significações: Perspectiva para análise da inserção de bebês na creche. **Cadernos de Pesquisa**, n° 109, p. 115-144, março/2000.

AQUINO, Fabíola de S.; SALOMÃO, Nádia M. R. Habilidades sociocomunicativas de bebês no primeiro ano de vida: um estudo longitudinal. **Pai-deia**. Vol.21, n.50, p. 335-344, set.-dez. 2011a.

AQUINO, Fabíola de S.; SALOMÃO, Nádia M. R. Percepções maternas acerca das habilidades sociocomunicativas de bebês. **Psicologia: ciência e profissão**, 2011b, 31 (2), 252- 267.

BELINI, Aline Elise Gerbeli; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. Desenvolvimento do olhar e do contato ocular em lactantes de zero a quatro meses de idade. **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.** Recife, 10 (1): 85-93 jan./ mar., 2010.

BELINI, Aline Elise Gerbelli; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. Olhar de bebês em desenvolvimento típico: correlações longitudinais encontradas. **Rev Soc Bras Fonoaudiol**. 2007, 12(3): 165-73.

BORBA, Angela Meyer. As culturas da infância no contexto da educação infantil. In: VASCONCELLOS, Tânia de (organizadora). **Reflexões sobre Infância e Cultura**. 1ª Ed. Niterói: EdUFF, 2008.

BORGES, Lucivanda Cavalcante; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. Aquisição da Linguagem: Considerações da Perspectiva da Interação Social. *Psicologia*: **Reflexão e Crítica**, 2003, 16(2), pp. 327-336.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 jan. 2014.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para educação infantil**. CNE/CEB. Parecer n. 20/2009. Brasília, DF: 2009.

CARVALHO, A. M. A.; PEDROSA, M. I.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **Aprendendo com a criança de zero a seis anos**. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção docência em formação: educação infantil/ coordenação Selma Garrido Pimenta).

CORSINO, Patrícia. Considerações sobre o planejamento na educação infantil. In: CORSINO, Patrícia (org.) **Educação infantil**: cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

COUTINHO, Angela Scalabrin. A prática docente com bebês. **Pátio – Educação Infantil**. Porto Alegre. Ano XI, n. 35. p. 8-11, abr/jun 2013.

CRUZ, S. H. V. **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**. n. 115, p. 139-154, março/2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 09/05/2005.

ELMÔR, Larissa de Negreiros Ribeiro. **Recursos comunicativos utilizados por bebês em interação com diferentes interlocutores, durante processo de adaptação à creche**: um estudo de caso. Universidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado). Ribeirão Preto-SP, 2009.

FERREIRA, Ana Rachel. Bebês são capazes de aprender muito: para isso, precisam ser estimulados e desafiados a encarar novas vivências. **Revista Nova Escola**, ano 29, n. 273. p. 33-41, Junho/Julho, 2014.

FIAMENGHI, Geraldo. A. **Conversas dos bebês**. São Paulo: Hucitec, 1999.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOLDSCHIED, Elinor; JAKSON. **Educação de 0 a 3 anos**: o atendimento em creche. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GUIMARÃES, Daniela. Educação infantil: espaços e experiências. In: CORSINO, Patrícia (org.). **Educação infantil**: cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2009a.

_____. Na creche, o cuidado como ética: caminhos para o diálogo com bebês. In: KRAMER, Sônia. (Org.). **Retratos de um desafio**: crianças e adultos na educação infantil. São Paulo: Ática, 2009b.

GUIMARÃES, Daniela; KRAMER, Sônia. Nos espaços e objetos das creches, concepções de educação e práticas com crianças de 0 a 3 anos. In: KRAMER, Sônia. (Org.). **Retratos de um desafio**: crianças e adultos na educação infantil. São Paulo: Ática, 2009c.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KREPPNER, Kurt. Sobre a Maneira de Produzir Dados no Estudo da Interação Social. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, Vol. 17 n. 2, pp. 097-107, Mai-Ago 2001.

LEITÃO, Monique; CASTELO-BRANCO, Rochele. Bebês: o irresistível poder da graciosidade. Um estudo sobre o significado evolutivo dos traços infantis. **Estudos de Psicologia**, 15(1), Janeiro-Abril/2010.

LYRA, Maria C. D. P. Desenvolvimento de um sistema de relações historicamente construído: contribuições da comunicação no início da vida. **Psicol. Reflex. Cri.** 13, 2000.

MACHADO, Maria Lucia de A. **Educação infantil e Sócio-Interacionismo**. In: OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de. (Org.). 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS FILHO, Altino José. Práticas de socialização entre adultos e crianças, e estas entre si, no interior da creche. **Pro-Posições** [online]. 2008, vol.19, n.1, pp. 97-114. ISSN 0103- 7307.

MOSS, Peter. A prática reflexiva na educação infantil. **Pátio – Educação Infantil**. Porto Alegre. Ano X, n. 31. p. 4-7, abr/jun 2012.

NASCIMENTO, Maria Leticia B. P. A criança concreta, complexa e contextualizada: a psicologia de Henri Wallon. In: CARRARA, Kester (Org.). Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens. São Paulo, Avercamp, 2004.

NUNES, Maria F.; CORSINO, Patrícia; KRAMER, Sônia. Crianças e adultos em instituições de educação infantil: o contexto e a pesquisa. In: KRAMER, Sônia. (Org.). **Retratos de um desafio**: crianças e adultos na educação infantil. São Paulo: Ática, 2009.

OLIVEIRA, Fabiana de. TEBET, Gabriela G. de Campos. Cultura da infância: brincar, desenho e pensamento. In: ABRAMOWICZ, Anete; MORUZZI, Andrea Braga (Orgs.). **O plural da infância**: aportes da sociologia. São Carlos: EDUFSCar, 2010.

OLIVEIRA, N. G dos S.; BUSSAB, V. S. R. Comportamentos comunicativos do bebê como parceiro ativo na interação. **Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.**, São Paulo, 6 (1/2), 1996.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes; MELLO, Ana Maria; VITORIA, Telma; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. **Creches**: crianças, faz de conta & Cia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

PEDROSA, Maria Isabel; CARVALHO, Ana Maria Almeida. Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. **Psicologia**: Reflexão e Crítica. Porto Alegre, v.18, n.3, p. 431-442, 2005.

PEDROSA, Maria Isabel. Vamos observar cuidadosamente a criança no berçário. In: RAMOS, Tacyana Karla Gomes; ROSA, Ester Calland de Sousa. (Orgs.). **Os saberes e as falas de bebês e suas professoras**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes. **A criança em interação social no berçário da creche e suas interfaces com a organização do ambiente pedagógico**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes; ROSA, Ester Calland de Sousa. (Orgs.). **Os saberes e as falas de bebês e suas professoras**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

RIZZATO, Agueda Beatriz Pires. Quem são os bebês de hoje? Eles são ou estarão diferentes? **Interface** (Botucatu) [online]. 1998, vol.2, n.2, pp. 227-232. ISSN 1807-5762.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para o debate científico interdisciplinar. In: CRUZ, Sílvia Helena Viera Cruz (Org.). **A criança fala**: a escuta da criança em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

SCHAPER, Núbia; MACÁRIO, Alice; PETRATO, Valéria. “Pirraça/manha” ou a forma de linguagem e interação do bebê com o mundo? **IX Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento**. 2013. ISSN 2177-1413.

SEIDL-DE-MOURA, M. L.; RIBAS, A. F. P. **Bebês recém-nascidos**: ciência para conhecer e afeto para cuidar. Curitiba: Juruá, 2012.

SEIDL-DE-MOURA, M. L.; RIBAS, A. F. P. Evidências sobre características de bebês recém-nascidos: um convite a reflexões teóricas. In: SEIDL-DE-MOURA, M. L. (Org.). **O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004.

SOARES, Natália Fernandes; SARMENTO, Manuel Jacinto; TOMÁS, Catarina. **Investigação da infância e crianças como investigadoras**: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal. p. 16-20, agosto, 2004.

TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TRISTÃO, Rosana Maria; FEITOSA, Maria Angela Guimarães. Percepção da fala em bebês no primeiro ano de vida. **Estud. psicol.** (Natal) [online]. 2003, vol.8, n.3, pp. 459-467. ISSN 1413-294X.

VASCONCELOS, Cleido Roberto Franchi e; AMORIM, Katia de Souza; ANJOS, Adriana Mara dos; FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti. A incompletude como virtude: interação de bebês na creche. **Psicol. Reflex. Crit.** [online]. 2003, vol.16, n.2, pp. 293-301. ISSN 0102- 7972.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. As raízes genéticas do pensamento e da linguagem. In: **Pensamento e linguagem**. 4^aed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WALLON, Henri. A infância e seu estudo. In: **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICES



APÊNDICE A – FREQUÊNCIA DAS CRIANÇAS NA PESQUISA

BEBÊS	COLETA DE DADOS						
	23/01/14	04/02/14	06/02/14	11/02/14	20/02/14	25/02/14	27/02/14
Antônia	X	X	X		X	X	X
Bárbara	X	X	X	X	X	X	
Cecília			X		X		
Clara	X	X		X	X	X	
Caio	X			X		X	
Davi	X			X		X	
Denzel	X	X	X	X	X	X	X
Erica	X	X	X	X		X	X
Evelyn	X	X	X	X	X	X	X
Janaina	X	X		X	X		
Matheus	X	X	X	X	X	X	
Rafaela		X			X	X	X
Ruan	X	X	X	X	X	X	X
Willyane		X	X	X	X	X	X

APÊNDICE B - DESCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS

Episódio: - Hora da oração - 25/02/2014 - M2U00020

Duração total do vídeo: 0h19'27" **Minutaçãõ selecionada:** 0h03'47" - 0h05'08" **Duração do episódio:** 0h01'21"

Integrantes: Evelyn (11 meses); Educadora 04.

Evely está **engatinhando** em direção a um grupo de crianças que estão sentadas nos emborrachados, sendo solicitadas pelas educadoras para ficarem de joelhos para fazer uma oração. Ao chegar aos emborrachados, ela **para e olha** para as crianças. A Educadora 04 sorri. O sorriso da educadora é ouvido por Evely; a menina **vira o corpo, olha para o rosto da educadora**, depois para a máquina fotográfica que está em suas mãos e **engatinha** até ela. Ao chegar bem próximo a educadora, Evely **põe as duas mãos na perna da educadora**, solta uma das mãos e **fica em pé**. Em seguida, desequilibra-se e cai. Evely olha para o rosto da educadora.

A educadora dirige sua mão para o rosto da menina e segura-o, logo depois solta-o. **Evely olha para** o lado e toca na sandália de Rafaela, **olha para o rosto** de Rafaela, mas a menina não dirige seu olhar para Evely. Volta o **olhar** novamente para o rosto da educadora, aproxima-se novamente da perna da educadora, **apoia-se nela e fica de pé**. A educadora passa as mãos nas costas de Evely. A menina **acocora-se**, mas logo **fica de pé** novamente. Evely **dirige seu olhar para** o rosto da educadora que aproxima seu rosto da face da garota. A educadora faz o movimento de vai e vem entre seu rosto e o de Evely durante três vezes seguidas. Evely acompanhava com **o olhar e sorrindo**. A educadora senta Evely no chão e sai para tirar fotos das crianças.

APÊNDICE C – QUADROS DE RECURSOS COMUNICATIVOS POR EPISÓDIOS

Episódio – Quero melancia – **11/02/2014** - MU200008

Duração total do vídeo: 01'27" **Minutação selecionada:** 00'00" – 01'27" **Duração do episódio:** 01'27"

Integrantes: Bárbara (11 meses); Educadora 01; Educadora 02.

RECURSOS COMUNICATIVOS	FREQUÊNCIA	TIPO	Nº VÍDEO/DURAÇÃO
Olhar	3	Não-verbal	MU20000801'27"
Apoiar o braço	2	Não-verbal	
Fica em pé	2	Não-verbal	
Inclinar o corpo	1	Não-verbal	
Tentar engatinhar	1	Não-verbal	
Virar o rosto	1	Não-verbal	

RECURSOS COMUNICATIVOS	Nº VÍDEO/DURAÇÃO
Olha para a bandeja com pedaços de melancia	MU200008 01'27"
Apoia o braço sobre a perna da Educadora 01	
Fica em pé	
Direciona o olhar para bandeja novamente	
Inclina o corpo	
Tenta engatinhar	
Vira o rosto - Ignora a tentativa da educadora em fazê-la comer a melancia	
Apoia o braço sobre a perna da Educadora 01	
Olha para a bandeja	

Episódio – Também quero explorar o livro – **04/02/2014** - MOV07656

Duração total do vídeo: 06'41" **Minutação selecionada:** 00'00" – 06'41"

Duração do episódio: 06'41"

Integrantes: Evelyn (11 meses); Educadora 01; Educadora 02.

RECURSOS COMUNICATIVOS	FREQUÊNCIA	TIPO	VÍDEO/TEMPO
Olhar	8	Não-verbal	MOV0765606'41"
Sorri	1	Não-verbal	
Fica em pé	1	Não-verbal	
Sentar	1	Não-verbal	
Tocar	1	Não-verbal	

RECURSOS COMUNICATIVOS	Nº VÍDEO/DURAÇÃO
Olhar fixo para o livro que a Educadora 01 tem em suas mãos	MOV07656 06'41"
Olha para a esquerda em direção a Educadora 02	
Olha para direita em direção a uma pelúcia	
Olha para frente em direção a câmera e a encara	
Olha para a esquerda em direção ao colo da Educadora 02	
Sorrir com os lábios cerrados	
Fica de pé	
Olha para baixo em direção ao livro	
Senta-se no colo da Educadora 02	
Olha fixamente para o livro	
Toca na perna da Educadora 01 (busca de proximidade)	
Acompanha com o olhar as falas das crianças	

Episódio – O chocalho – 04/02/2014 - MOV07658

Duração total do vídeo: 01'52"

Minutação selecionada: 00'00" – 01'52"

Duração do episódio: 01'52"

Integrantes: Evelyn (11 meses); Antônia (23 meses); Educadora 02; Clara (22 meses).

RECURSOS COMUNICATIVOS	FREQUÊNCIA	TIPO	Nº VÍDEO/DURAÇÃO
Engatinhar	2	Não-verbal	MOV0765801'52"
Sorrir	1	Não-verbal	
Olhar	7	Não-verbal	
Vira o corpo	1	Não-verbal	
Tocar	1	Não-verbal	
Vira o rosto	1	Não-verbal	
Remexe-se(dançando)	1	Não-verbal	
Bate palmas	1	Não-verbal	
Pegar – sacode e põe na boca	1	Não-verbal	

RECURSOS COMUNICATIVOS	Nº VÍDEO/DURAÇÃO
A menina dirige-se engatinhando e sorrindo até onde a educadora está	MU200008 01'27"
Acompanha com o olhar a trajetória de uma bola que passa em sua frente	
Olha para o lado direito e para baixo em direção a um chocalho	
Vira seu corpo	
Engatinha	
Toca o chocalho	
Olha para o rosto de Antônia	
Olha para a mão de Antônia (chacoalho)	
Olha para a educadora	
Vira o rosto	
Olha para o chacoalho	
Remexer-se (dançando)	
Bate palmas	
Olha em direção ao chacoalho	
Pega o chocalho	
Sacode o chocalho	
Põe o chacoalho na boca	

Episódio – Explorando as bolsas- **11/02/2014** - M2U00006

Duração total do vídeo: 49'17"

Minutação selecionada: 0h03'23" – 0h05'10"

Duração do episódio: 0h01'47"

Integrantes: Evelyn (11 meses); Bárbara (11 meses).

CRIANÇA	RECURSOS COMUNICATIVOS	FREQUÊNCIA	TIPO	Nº VÍDEO DURAÇÃO
Bárbara	Virar o rosto	1	Não-verbal	M2U000060h01'47"
	Acocorar	1	Não-verbal	
	Tocar	2	Não-verbal	
	Olhar	3	Não-verbal	
	Engatinhar	1	Não-verbal	
	Tocar	2	Não-verbal	
	Parar	1	Não-verbal	
	Ficar em pé	1	Não-verbal	
	Bater (bolsa)	1	Não-verbal	
	Abaixar	1	Não-verbal	
	Puxar	1	Não-verbal	

CRIANÇA	RECURSOS COMUNICATIVOS	FREQUÊNCIA	TIPO	Nº VÍDEO DURAÇÃO
Evelyn	Balançar	2	Não-verbal	M2U000060h01'47"
	Olhar	3	Não-verbal	
	Gritar	1	Vocal	
	Tocar	1	Não-verbal	
	Engatinhar	1	Não-verbal	

RECURSOS COMUNICATIVOS	Nº VÍDEO/DURAÇÃO
Bárbara vira o rosto para trás	M2U00006 0h01'47"
Acocora-se, toca um lençol que encontra-se ao seu lado	
Direciona o olhar para a Evelyn	
Evelyn balança o braço e direciona o olhar para ela	
Olha para o lado	
Começa a balançar a alça da bolsa e dar um pequeno grito	
Bárbara engatinha até onde a bolsa está e começa a tocá-la	
Bárbara para e olha para Evelyn	
Bárbara se apoia na bolsa e fica de pé	
Evelyn acompanha com o olhar os seus movimentos	
Evelyn continua a tocar na alça da bolsa	
Bárbara começa a tocar a bolsa ao lado, batendo-a	
Bárbara se abaixou e puxou os cabelos de Evelyn	
Evelyn se afastou, engatinhando.	

Episódio – Painel I- **11/02/2014** - M2U00006

Duração total do vídeo: 49'17"

Minutação selecionada: 02'41"

Integrantes: Evelyn (11 meses); Clara (22 meses); Willyane (23 meses).

RECURSOS COMUNICATIVOS	FREQUÊNCIA	TIPO	Nº VÍDEO/DURAÇÃO
Engatinhar	1	Não-verbal	M2U00006 02'41"
Olhar	7	Não-verbal	
Recuo corporal	1	Não-verbal	
Pegar	3	Não-verbal	
Tocar	1	Não-verbal	

RECURSOS COMUNICATIVOS	Nº VÍDEODURAÇÃO
Evelyn está se deslocando – engatinhando - para o encontro dos brinquedos dispostos no chão	M2U0000602'41"
Direciona seu olhar para as mãos de Clara	
Recua um pouco	
Pega um objeto que estava dentro da panela segurada por Clara	
Olha o objeto por inteiro	
Direciona o olhar para o rosto do menino	
Acompanha com o olhar.	
Direciona seu olhar por alguns instantes para Willyane	
Volta novamente o olhar para Clara	
Clara solta o brinquedo no chão e Evelyn o pega	
Direciona o olhar para as mãos de Clara	
Toca no pé de Clara	
Evelyn pega um brinquedo que está ao seu lado e começa a explorá-lo	

Episódio – Panela II- 11/02/2014 - M2U00007

Duração total do vídeo: 17'34"

Minutação selecionada: 04'15" - 07'16"

Duração do episódio: 03'01"

Integrantes: Evelyn (11 meses); Estagiária 01; Willyane (23 meses); Caio (22 meses).

RECURSOS COMUNICATIVOS	FREQUÊNCIA	TIPO	Nº VÍDEODURAÇÃO
Olhar	12	Não-verbal	M2U0000703'01"
Virar o corpo	8	Não-verbal	
Inclinar o corpo para baixo	1	Não-verbal	
Pegar	2	Não-verbal	
Engatinhar	5	Não-verbal	
Estender o braço	1	Não-verbal	
Afastar o braço	1	Não-verbal	
Sorrir	1	Não-verbal	
Balbuciar	1	Vocal	
Parar	1	Não-verbal	
Balançar	1	Não-verbal	

RECURSOS COMUNICATIVOS	Nº VÍDEO DURAÇÃO
Evelyn apenas olha para o brinquedo	M2U0000703'01"
Vira-se um pouco	
Direciona o olhar para Willyane	
Inclina seu corpo para o chão	
Buscando pegar um livro	
Desvia o olhar e vira o corpo	
Vira-se e engatinha	
Para, olha	
Engatinha	
Estende o braço	
Olha para o seu rosto	
Engatinha na direção dos brinquedos na direção dos brinquedos com o olhar fixo neles, esboçando um sorriso e balbuciando	
Acompanha com o olhar e virando o corpo	
Ensaia alguns passos engatinhando	
Escuta um choro e também desvia o olhar	
Vira-se em direção ao som do choro	
Vira-se novamente em direção a Willyane e engatinha	
Para, olha para o lado	
Dirige o olhar para a sandália	
Direciona o olhar para os brinquedos de Willyane	
Segue com o olhar e com corpo a direção deles	
Vira-se, olha para um livro	
Engatinha até ele, pega e o balança	

Episódio – A bola **20/02/2014** - M2U00013

Duração total do vídeo: 0h9'43"

Minutação selecionada: 0h06'01" – 0h08'02"

Duração do episódio: 0h02'01"

Integrantes: Evelyn (11 meses); Janaína (18 meses); Bárbara (11 meses); Ruan (22 meses); Matheus (17 meses).

CRIANÇA	RECURSOS COMUNICATIVOS	FREQUÊNCIA	TIPO	Nº VÍDEODURAÇÃO
Evelyn	Olhar	12	Não-verbal	M2U000130h02'01"
	Abaixar	1	Não-verbal	
	Engatinha	2	Não-verbal	
	Estender o braço	1	Não-verbal	
	Pegar	1	Não-verbal	
	Engatinha	3	Não-verbal	
	Parar	1	Não-verbal	
	Gritar	1	Vocal	
	Virar o corpo	4	Não-verbal	

CRIANÇA	RECURSOS COMUNICATIVOS	FREQUÊNCIA	TIPO	Nº VÍDEODURAÇÃO
Bárbara	Olhar	5	Não-verbal	M2U000130h02'01"
	Estender o braço	1	Não-verbal	
	Engatinha	4	Não-verbal	
	Pegar	1	Não-verbal	
	Soltar	2	Não-verbal	
	Puxar	1	Não-verbal	
	Virar o corpo	1	Não-verbal	
	Ficar em pé	1	Não-verbal	
	Bater (cadeira)	1	Não-verbal	

RECURSOS COMUNICATIVOS	Nº VÍDEODURAÇÃO
Evelyn olha para o lado	M2U000130h02'01”
Abaixa-se e engatinha	
Evelyn e Janaína olham para a bola	
Evelyn estende o braço e pega a bola	
Bárbara estende o braço	
Bárbara engatinha até Evelyn	
Evelyn entrega a bola	
Evelyn para e olha para o lado	
Bárbara e Evelyn acompanham o percurso da bola com olhar	
Bárbara engatinha em busca da bola	
Evelyn também engatinha	
Evelyn dar um grito	
Bárbara continua e pega a bola. Evelyn	
Evelyn olha para o brinquedo	
Bárbara solta a bola	
Bárbara puxa a camisa de Evelyn	
Evelyn vira-se e mantém o olhar direcionado para a bola	
Evelyn e Bárbara olham para a direção tomada pela bola, engatinham até ela	
Evelyn olha para a bola na mão de Bárbara, vira o corpo, dando as costas e sai engatinhando	
Bárbara solta a bola	
Evelyn vira para o lado e olha para a bola rolando	
Bárbara e Evelyn olham para a mão de Janaína	
Bárbara acompanha com o olhar, virando o rosto os movimentos de Janaína	
Bárbara segue a bola engatinhando	
Bárbara olha para a bola nas mãos de Matheus	
Bárbara em pé	
Começa a bater na cadeira	

Episódio: Eu quero esse brinquedo - 20/02/2014 - M2U00015

Duração total do vídeo: 0h10'53"

Minutação selecionada: 0h06'59" - 0h08'45"

Duração do episódio: 0h01'46"

Integrantes: Bárbara (11 meses); Ruan (22 meses).

RECURSOS COMUNICATIVOS	FREQUÊNCIA	TIPO	Nº VÍDEODURAÇÃO
Olhar	7	Não-verbal	M2U000150h01'46"
Estender o braço	2	Não-verbal	
Pegar	3	Não-verbal	
Mexer o braço	1	Não-verbal	
Engatinha	2	Não-verbal	
Levantar o braço	1	Não-verbal	
Soltar	1	Não-verbal	

RECURSOS COMUNICATIVOS	Nº VÍDEO DURAÇÃO
Bárbara olha para o objeto, estende o braço e pega-o	M2U000150h01'46"
Dirige o brinquedo próximo ao rosto e foca o olhar nele	
Bárbara olha para Ruan e começa a mexer o braço de um lado a outro	
Estende o braço e olha para o rosto dele.	
Bárbara engatinha até ele, levanta o braço,	
Bárbara olha para o brinquedo, pega-o	
A menina pega o chocalho	
Logo depois, solta-o	
Bárbara olha para frente e ver um grupo de crianças aoredor da Educadora 01	
Ela engatinha até lá com o brinquedo na boca	

Episódio: Os três chocalhos - 20/02/2014 - M2U00016

Duração total do vídeo: 0h30'50"

Minutação selecionada: 0h13'22" – 0h15'40"

Duração do episódio: 0h02'18"

Integrantes: Bárbara (11 meses); Ruan (22 meses).

RECURSOS COMUNICATIVOS	FREQUÊNCIA	TIPO	Nº VÍDEODURAÇÃO
Olhar	10	Não-verbal	M2U000160h02'18"
Balançar	4	Não-verbal	
Virar o corpo	2	Não-verbal	
Tocar	2	Não-verbal	
Engatinhar	3	Não-verbal	
Balbuciar	1	Vocal	
Estender o braço	9	Não-verbal	
Puxar	1	Não-verbal	
Pegar	6	Não-verbal	
Afastar (braço)	1	Não-verbal	
Gritar	1	Vocal	

RECURSOS COMUNICATIVOS	Nº VÍDEODURAÇÃO
Bárbara está olhando para Ruan	M2U000160h02'18"
A menina balança o livro	
Acompanha com o olhar os seus movimentos de Ruan	
Bárbara engatinha na direção de Ruan, balbucia algo, estende o braço e puxa sua camisa	
A menina também olha para o rosto de Ruan	
Bárbara estende seu braço	
Bárbara olha para o chocalho no chão e estende o braço para pegá-lo	
Bárbara pega e balança-o	
Bárbara olha para o chocalho	
Pega o chocalho oferecido por que Ruan	
Bárbara olha para ele, engatinha, estende o braço	
Estende o braço esquerdo	
Pega o chocalho da mão de Ruan	
Bárbara dirige o olhar para o chocalho, estende o braço, toca-o	
A menina pega o chocalho E de balança	
Bárbara afasta o braço	
Bárbara dar um grito	
Estende os braços	
Ela pega o chocalho e balança	
A menina estende o braço	
Bárbara olha para o chocalho que foi arremessado	
Estende seu braço para pegá-lo	
Volta a olhar para o chocalho que está na mão de Ruan	
Pega um brinquedo oferecido por Ruan, balança-o	
Bárbara olha Ruan, mas logo vira o corpo	
Sai engatinhando em direção a Educadora 04	

Episódio: Pula-pula - 20/02/2014 - M2U00016

Duração total do vídeo: 0h30'50"

Minutação selecionada: 0h19'20" - 0h20'20"

Duração do episódio: 01'00"

Integrantes: Evelyn (11 meses); Antônia (23 meses); Janaína (18 meses); Educadora 05.

RECURSOS COMUNICATIVOS	FREQUÊNCIA	TIPO	Nº VÍDEODURAÇÃO
Balançar o corpo	1	Não-verbal	M2U000160h01'00"
Sorrir	1	Não-verbal	
Olhar	3	Não-verbal	
Virar o corpo	1	Não-verbal	
Engatinhar	1	Não-verbal	
Parar	1	Não-verbal	
Sentar	1	Não-verbal	
Choramingar	1	Vocal	

RECURSOS COMUNICATIVOS	Nº VÍDEODURAÇÃO
Evelyn começa a balançar-se de um lado para outro	M2U00016 0h01'00"
A menina sorri com a boca aberta e olha para a televisão	
Evelyn olha para Antônia, vira o corpo e engatinha para o lado, para e senta-se	
Evelyn começa a choramingar	
Segundos depois, olha para a câmera e para de choramingar	

Episódio: Hora da oração - 25/02/2014 - M2U00020

Duração total do vídeo: 0h19'27"

Minutação selecionada: 0h03'47" - 0h05'08"

Duração do episódio: 0h01'21"

Integrantes: Evelyn (11 meses); Educadora 04.

RECURSOS COMUNICATIVOS	FREQUÊNCIA	TIPO	Nº VÍDEODURAÇÃO
Engatinhar	2	Não-verbal	M2U000200h01'21"
Parar	1	Não-verbal	
Olhar	8	Não-verbal	
Virar o corpo	1	Não-verbal	
Ficar de pé	3	Não-verbal	
Sorrir	1	Não-verbal	

RECURSOS COMUNICATIVOS	Nº VÍDEODURAÇÃO
Evelyn está engatinhando em direção a um grupo de crianças	M2U000200h01'21"
Ela para e olha para as crianças	
Evelyn vira o corpo, olha para o rosto da educadora	
Engatinha até a educadora	
Evelyn põe as duas mãos na perna da educadora, solta um das mãos e fica em pé.	
Evelyn olha para o rosto da educadora	
Evelyn olha para o lado e toca na sandália de Rafaela	
Olha para o rosto de Rafaela	
Volta o olhar novamente para o rosto da educadora	
Apoia-se na perna da educadora e fica de pé	
Evelyn acocora-se, mas logo fica de pé	
Evelyn dirige seu olhar para o rosto da educadora	
Evelyn olha para o rosto da educadora e sorri	

ANEXOS



ANEXO A - PARECER FAVORÁVEL DO COMITÊ DE ÉTICA AO DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS
CAMPUS DA SAÚDE PROF. JOÃO CARDOSO NASCIMENTO JR
Rua Cláudio Batista S/N- Centro de Pesquisas Biomédicas - Bairro Sanatório
CEP: 49060-100 Aracaju -SE | Fone: (79) 2105-1805
E-mail: cep@ufs.br

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que o Protocolo de Pesquisa intitulado: **"PARTICIPAÇÃO SOCIAL DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE PROFESSORAS E SUAS INTERFACES COM A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA"** – Nº CAAE –0211.0.107.000-11, sob orientação da pesquisadora Prof. Dra. Tacyana Karla Gomes Ramos, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe- CEP/UFS em reunião realizada dia **15/07/2011**.

Cabe ao pesquisador apresentar ao CEP/UFS os relatórios parciais e final sobre a pesquisa (Res. CNS 196/96).

Aracaju, 29 de julho de 2011.

Anita Hermínia Oliveira Souza
Prof. Ms. Anita Hermínia Oliveira Souza
Coordenadora do CEP/UFS

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO DE PESQUISA (CRIANÇAS)

PROJETO: PARTICIPAÇÃO SOCIAL DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE PROFESSORAS E SUAS INTERFACES COM A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA

RESPONSÁVEL: Profa. Dra. Tacyana Karla Gomes Ramos INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Sergipe/Departamento de Educação

Seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa que iremos fazer na instituição onde ele(a) frequenta. A participação nesse estudo é muito importante para nós, mas você pode não permitir ou interromper a participação do(a) seu(sua) filho(a) na pesquisa no momento em que assim desejar.

A pesquisa será feita com os objetivos de examinar a participação social de crianças na emergência e compartilhamentos de significados com suas professoras e parceiros de idade na busca de indicadores que orientem a organização de práticas educativas ajustadas aos interesses e necessidades socioafetivas infantis.

Haverá filmagem das professoras e crianças, registrando-se as interações infantis com parceiros de idade ou com adultos durante as atividades pedagógicas desenvolvidas. As professoras irão examinar algumas das cenas filmadas junto com a pesquisadora na busca de indicadores que orientem a organização de práticas educativas ajustadas aos interesses e necessidades das crianças.

O desconforto para a criança poderá ser evidenciado no início das videograções. Seu(sua) filho(a) poderá “estranhar” a presença da(s) pesquisadora(s) na sala e chorar. Esse risco de desconforto deverá ser minimizado com a visita da(s) pesquisadora(s) à instituição durante vários dias antes do início das filmagens para que as crianças possam se familiarizar com ela. Somente diante de uma sinalização de que as crianças estão a vontade (não demonstrando receio ou choro diante da câmara ou da(s) pesquisadora(s)) é que a coleta será iniciada.

Os resultados desta pesquisa poderão gerar informações que orientem e qualifiquem as práticas pedagógicas desenvolvidas com crianças de 0 a 3 anos. Além disso, a organização do ambiente educativo favorável ao desenvolvimento socioafetivo da criança, construído em conjunto com as professoras a partir da análise videogravada de suas práticas, nas ocasiões de estudo, possibilitará que estes profissionais planejem atividades e ações educacionais ajustadas às necessidades, interesses e motivações infantis e, também, gerando a melhoria da sua atuação pedagógica em razão da atualização de seus conhecimentos sobre o assunto.

Os autores irão apresentar ou publicar os resultados deste estudo em congressos científicos, em artigos, em revistas especializadas, contribuindo para ampliar os conhecimentos produzidos sobre a organização de práticas educativas com crianças de 0 a 3 anos, mas a identidade de seu(sua) filho(a) só irá aparecer, caso seja autorizada pelos pais ou responsáveis.

Gostaríamos de contar com a participação de seu(sua) filho(a) na pesquisa.

CONTATO COM A PESQUISADORA RESPONSÁVEL: fone – (79) 91653423. E-mail: tacyanaramos@gmail.com Endereço: Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe. Cidade Universitária Prof. Aloísio de Campos, Jardim Rosa Elze, São Cristóvão. Fone: 2105-6600.

IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

NOME DA CRIANÇA:

- () Sim. Aceito que meu(minha) filho(filha) seja filmado(a) para esse estudo.
- () Permito a apresentação e/ou a publicação das imagens da criança nos resultados deste estudo.

Estando, assim, de acordo, assinam o presente termo de compromisso em duas vias.

Pai, mãe ou responsável pela criança

Responsável pelo projeto

Testemunha 1

Testemunha 2

Aracaju, ____ de ____ de ____.

Esta obra refere-se à análise de estratégias de comunicação de dois bebês: Bárbara e Evelyn, com idades entre nove a onze meses. Nesse sentido, objetiva-se, especificamente, analisar os modos como os bebês iniciam e partilham situações sociocomunicativas com os pares de idade, descrever os processos sociocomunicativos de bebês, elaborar indicadores de estratégias de comunicação dos e entre os bebês. Constatamos a predominância de recursos comunicativos não-verbais, tendo como destaque o olhar. Por meio da riqueza de recursos comunicativos usados nos episódios é possível concluir e enfatizar que os bebês são potencialmente sociocomunicativos. Mesmo sem a presença das aquisições linguísticas da fala articulada consolidadas, as crianças interagiram com seus coetâneos e educadoras, buscaram formas de alcançar seus objetivos, negociaram objetos, enfim, atuaram socialmente no ambiente do berçário e expuseram por meio dos seus movimentos, suas necessidades, interesses, motivações, intenções. Nessa trilha de proposições, chamamos a atenção para o papel da creche como instituição responsável pela ampliação das relações sociais das crianças e concomitantemente pelo desenvolvimento de suas aprendizagens e competências sociocomunicativas.

